

Desenvolvimento do uso de pronomes clíticos na produção escrita de crianças do 2º ano de escolaridade

Vasiliki Vraka

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem,
Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem**

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Maio 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Fernandes Homem de Sousa Lobo Gonçalves e da Professora Doutora Joana Maria Rodrigues Batalha Marchão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço particularmente às minhas orientadoras, à Professora Doutora Maria Lobo e à Professora Doutora Joana Batalha pela disponibilidade, prontidão e rigor científico com que me orientaram ao longo da realização deste trabalho. As sugestões que deram ao longo do trabalho foram fundamentais para este estudo.

Agradeço, igualmente, a todas as Professoras do Mestrado em Ciências da Linguagem da FCSH pelo modo como o lecionaram, pela sua disponibilidade e pelos conhecimentos que me transmitiram.

Agradeço a todos os professores e todas as professoras que passaram pelo meu caminho e contribuíram para o meu crescimento.

Agradeço também a todas as minhas amigas e a todos os meus amigos que me acompanharam, apoiaram e incentivaram durante a realização deste trabalho.

Agradeço especialmente à Alikí, por todo o apoio moral e técnico. À Katerina e à Athina, por todo o apoio e todas as horas ao telefone a incentivar-me e encorajar-me. À Efi por todos os cafés e os passeios para limpar a cabeça! Obrigada por todo o carinho e estes anos de amizade!

À minha família, e especialmente ao meu irmão, que me apoiou nesta etapa da minha vida, como em todas as outras. Obrigada por terem sempre apoiado todas as minhas decisões e por acreditarem sempre nas minhas capacidades!

Ao Freddie e à Nere por todo o carinho, pelos pequenos almoços, jantares e toda a preocupação que mostraram durante o processo da escrita. Obrigada pelo vosso apoio e a vossa presença!

Agradeço a todas as minhas alunas e a todos os meus alunos, pela compreensão e pelo apoio. Aprendo muito convosco!

Agradeço ao meu aluno e amigo Diego, por toda a boa energia, o apoio e as dicas!

Agradeço a toda a gente que vai dedicar tempo para ler este trabalho.

DESENVOLVIMENTO DO USO DE PRONOMES CLÍTICOS NA PRODUÇÃO ESCRITA DE CRIANÇAS DO 2º ANO DE ESCOLARIDADE

VASILIKI VRAKA

RESUMO

Este estudo pretende observar o desenvolvimento de crianças portuguesas do 2º ano relativamente ao uso de clíticos na produção escrita, quanto à produção, ao tipo de clítico, à colocação e às estratégias de omissão. A omissão de clíticos encontrada em algumas línguas, foi relacionada por alguns autores com a concordância do participio passado com o objeto, observada nestas línguas. Todavia, quanto ao português europeu, Varlokosta et al. (2006), Costa & Lobo (2005, 2008), Costa, Fiéis & Lobo (2015) e Carmona & Silva (2007) confirmam que, apesar da ausência de concordância do participio passado no PE, se encontra omissão de clíticos, que prossegue até mais tarde. Carmona & Silva (2006) defendem que as crianças têm a construção de objeto nulo em todos os contextos (ênclise, próclise e ilhas, enquanto Costa & Lobo (2008) notam uma sobregeneralização dessa construção no PE. Quanto à colocação, Duarte & Matos (2000) informam-nos que em PE os clíticos apresentam três padrões, ênclise, próclise e mesóclise e observou-se que as crianças portuguesas tendem a generalizar a ênclise como padrão de colocação de clíticos em estados iniciais de aquisição. Costa, Fiéis & Lobo (2016) referem que a aquisição e estabilização de próclise ocorre gradualmente nos diferentes contextos e é determinada por aspetos lexicais ou sintáticos dos desencadeadores de próclise.

Neste estudo analisou-se uma tarefa de produção escrita em dois momentos distintos e fez-se uma análise quantitativa e qualitativa, a fim de verificar se as crianças apresentam um progresso durante um ano letivo, no que diz respeito ao uso de clíticos nos seus textos. No segundo momento, há um aumento do número das crianças que utilizam clíticos nos seus textos mas também do número dos clíticos produzidos. Assim, a presença de clíticos nas produções das crianças pode ser tomada como um indicador de desenvolvimento nas competências de escrita compositiva, uma vez que se notou um desenvolvimento quanto ao uso de clíticos nas produções escritas de crianças portuguesas nesta idade. Não se verificaram muitas dificuldades em relação ao tipo de clítico e à sua colocação e não se notou uma sobregeneralização de ênclise. No entanto, algumas crianças ainda omitem o clítico ou utilizam estratégias alternativas, ao invés da produção clítica, como SN ou pronomes fortes.

PALAVRAS-CHAVE: clíticos, português europeu, desenvolvimento, escrita

**DEVELOPMENT OF THE USE OF CLITIC PRONOUNS IN THE WRITTEN PRODUCTION OF
CHILDREN IN THE 2nd GRADE OF SCHOOLING**

VASILIKI VRAKA

ABSTRACT

This study aims to observe the development of Portuguese 2nd grade children regarding the use of clitics in written production, in terms of production, type of clitic, placement and omission strategies. The omission of clitics found in some languages was related by some authors to the past participle agreement with the object, observed in these languages. However, regarding European Portuguese, Varlokosta et al. (2006), Costa & Lobo (2005, 2008), Costa, Fiéis & Lobo (2015) and Carmona & Silva (2007) confirm that despite the absence of past participle agreement in EP, there is omission of clitics, which continue until later. Carmona & Silva (2006) argue that children have the construction of a null object in all contexts (enclisis, proclisis and islands, while Costa & Lobo (2008) note an over-generalization of this construction in EP. As for placement, Duarte & Matos (2008) (2000) inform us that in EP clitics present three patterns, enclisis, proclisis and mesoclisism and it was observed that Portuguese children tend to generalize enclisis as a pattern of clitic placement in early stages of acquisition. Costa, Fiéis & Lobo (2016) report that the acquisition and stabilization of proclisis occurs gradually in different contexts and is determined by lexical or syntactic aspects of proclisis triggers. In this study, a written production task was analyzed in two different moments and a qualitative analysis was carried out, in order to verify if children show progress during a school year, regarding the use of clitics in their texts. In the second moment, there is an increase in the number of children who use clitics in their texts, but also in the number of produced clitics. The presence of clitics in children's productions can be taken as an indicator of development in compositional writing skills, since there has been a development in the use of clitics in the written productions of Portuguese children at this age. There are not many difficulties regarding the type of clitic and its placement and there was no over-generalization of enclisis. However, some children still omit the clitic or use alternative strategies instead of clitic production, such as DP or strong pronouns.

KEYWORDS: clitics, European Portuguese, development, written production

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iv
ÍNDICE	x
LISTA DE GRÁFICOS	xi
LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS	xii
1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico	3
2.1. Aquisição de clíticos	4
2.1.1. Produção/omissão de clíticos na produção oral	4
2.1.2. Colocação na produção oral	8
2.1.3. Colocação de clíticos com complexos verbais – subida de clítico na oralidade	10
2.2. A emergência da escrita compositiva	12
2.2.1. Fatores que influenciam a produção escrita	14
2.2.2. Questões de Investigação	15
3. Metodologia	16
3.1. Participantes	17
3.2. A tarefa / Procedimentos	17
3.3. Tratamento e Análise dos dados	19
4. Resultados	20
4.1. Análise do primeiro instrumento	20
4.1.1. Produções no Instrumento 1	20
4.1.2. Tipo de Clíticos	21
4.1.3. Pessoa Gramatical	22
4.1.4. Colocação de clíticos	23
4.1.4.1. Domínio verbal simples	23
4.1.4.2. Domínio verbal complexo	25
4.1.5. Ortografia	26
4.1.6. Ausência de clíticos nas produções escritas	26
4.2. Análise do segundo instrumento	28
4.2.1. Produções no Instrumento 2	28
4.2.2. Tipo de Clíticos	28
4.2.3. Pessoa Gramatical	30
4.2.4. Colocação de clíticos	31
4.2.4.1. Domínio verbal simples	31
4.2.4.2. Domínio verbal complexo	33
4.2.5. Ortografia	35
4.2.6. Ausência de clíticos nas produções escritas	35

4.2.7. Comparação dos dois Instrumentos e desenvolvimento linguístico das crianças	36
5. Discussão	39
6. Conclusões	42
Bibliografia	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Percentagens das produções de clíticos segundo o tipo de clítico.	22
Gráfico 2. Percentagens do tipo de estrutura em que o clítico ocorre.	24
Gráfico 3. Percentagens das estratégias encontradas nas produções com ausência de clíticos.	27
Gráfico 4. Percentagens das produções de clíticos segundo o tipo de clítico.	30
Gráfico 5. Percentagens de crianças que produziram clíticos em cada instrumento e o seu desenvolvimento.	36
Gráfico 6. Produções sem clíticos nos dois instrumentos.	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sequência de imagens do Instrumento 1.	18
Figura 2. Sequência de imagens do Instrumento 2.	18

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados globais relativos a produção de clíticos no Instrumento 1.	21
Tabela 2. Produção global de clíticos segundo o tipo de clítico-alvo.	21
Tabela 3. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de ênclise.	24
Tabela 4. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de próclise.	25
Tabela 5. Dados globais relativos a produção de clíticos no instrumento 2.	28
Tabela 6. Produção de clíticos por criança segundo o tipo de clítico.	29
Tabela 7. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de ênclise.	31
Tabela 8. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de próclise.	32
Tabela 9. Número de crianças que produziram clíticos em cada instrumento.	36
Tabela 10. Mínimo, máximo e média de produções de clíticos por instrumento.	

Σφάλμα! Δεν έχει οριστεί σελιδοδείκτης.

LISTA DE ABREVIATURAS

CI	Clítico
DP	Desvio Padrão
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PIPALE	Projeto de Intervenção Preventiva para a Aprendizagem da Leitura e da Escrita
SN	Sintagma Nominal
UCC	Unique Checking Constraint

1. Introdução

Vários trabalhos têm apresentado como objeto de estudo as fases de desenvolvimento e estabilização de estruturas linguísticas e mais especificamente a aquisição de pronomes em contextos de compreensão e de produção. As características morfo-fonológicas, sintáticas e semântico-pragmáticas dos pronomes tornam-nos particularmente interessantes para o estudo da aquisição.

À entrada no 1.º Ciclo, a criança domina de forma eficiente as estruturas sintáticas essenciais da sua língua, o que lhe permite produzir e compreender uma vasta quantidade de enunciados, que usa nas suas conversas. No entanto, nesse momento, o processo de aquisição não está ainda completo, visto que algumas estruturas estabilizam muito cedo e outras são de aquisição tardia. A estabilização dos pronomes clíticos no Português Europeu (PE) não é de aquisição precoce, mas acontece mais tarde comparativamente com outras línguas. Neste aspeto, quanto aos clíticos, o PE é uma língua que apresenta algumas particularidades quando comparado com um grande número de outras línguas e diríamos que não se encaixa nos padrões esperados. Este trabalho propõe-se estudar o desenvolvimento de crianças portuguesas do 2º ano do Ensino Básico quanto ao uso dos pronomes clíticos em PE, em dados de produção escrita.

Relativamente à produção oral e à compreensão, já existe um número considerável de estudos sobre a aquisição de clíticos. Contudo, existem ainda poucos estudos sobre o desenvolvimento dos clíticos nas produções escritas das crianças. Relativamente à produção oral, tem-se investigado quer os fenómenos de omissão de clíticos, quer os fenómenos de colocação de clíticos. Dada a escassa investigação relativamente aos contextos escritos e visto que há algumas diferenças entre as modalidades de linguagem oral e escrita, o presente trabalho investiga a produção dos pronomes clíticos, nomeadamente o seu desenvolvimento em fases iniciais de escrita. Considerando que os primeiros anos de escolaridade são fundamentais na emergência da escrita, principalmente na emergência da escrita narrativa, investigamos aqui o desenvolvimento linguístico que se observa nas crianças neste âmbito entre dois momentos distintos.

Concretamente, no presente trabalho serão analisados e comparados os textos produzidos pelos participantes no projeto PIPALE - Projeto de Intervenção Preventiva para a Aprendizagem da Leitura e da Escrita, um projeto na área do ensino do Português, no âmbito

do qual se aplicou um instrumento de avaliação de competências linguísticas no início do 2º ano de escolaridade e no início do ano escolar seguinte. Serão analisados os resultados de uma das tarefas, uma tarefa de produção de um texto narrativo, em cada momento, e veremos qual o desenvolvimento que se observa quanto ao uso de clíticos. Investigaremos, concretamente, se os participantes usam pronomes clíticos, quais os tipos de clíticos usados pelos participantes, qual a sua preferência na colocação dos clíticos, se se verificam desvios relativamente à língua-alvo. Por outro lado, quando não se encontram clíticos nos textos, veremos que tipo de estratégias é que foram usadas pelos participantes, se produziram mais SN ou se fizeram uso do objeto nulo, estrutura permitida no PE.

Em relação à organização do presente trabalho, no segundo capítulo, far-se-á o enquadramento teórico, com a revisão de trabalhos de referência relativamente à aquisição dos pronomes clíticos por crianças portuguesas, quanto à produção/omissão de clíticos, aos padrões de colocação e ao fenómeno de subida de clítico. Também abordaremos estudos relevantes no que diz respeito à emergência e ao desenvolvimento da produção escrita por crianças e às condições que possam influenciar o desempenho das crianças. No fim do capítulo, dão-se a conhecer as questões e as hipóteses de trabalho formuladas com base na investigação teórica.

No terceiro capítulo, serão apresentados os aspetos metodológicos seguidos na realização do trabalho, e apresentar-se-á a amostra que foi considerada e a sua caracterização. Por fim, apresentar-se-á a forma como foram tratados os dados recolhidos.

No quarto capítulo, serão apresentados todos os dados, começando por analisar os dados de cada instrumento, e, em seguida, comparando os resultados dos dois instrumentos para se avaliar o desenvolvimento linguístico das crianças entre os dois momentos. A análise em cada instrumento será apresentada por tipo de clítico, colocação de clítico e por tipo de domínio verbal.

No quinto capítulo, far-se-á a discussão dos resultados, procurando-se responder às questões que orientaram este projeto e chegar a algumas conclusões.

No último capítulo, apresentaremos algumas considerações finais do estudo, procurando mostrar o seu contributo para caracterizar o desenvolvimento na produção de clíticos a partir de produções escritas.

2. Enquadramento teórico

Os pronomes clíticos usam-se de forma diferente nas várias línguas e têm-se observado algumas similaridades entre línguas com algumas características em comum. Por isso, começamos este capítulo mostrando a especificidade do PE relativamente aos clíticos.

Há línguas em que se verifica omissão de clíticos em idades precoces e línguas em que não se verifica esta omissão. Silva (2008) refere as línguas de padrão I e de padrão II, agrupadas de acordo com algumas características comuns. Num subconjunto de línguas (mas não noutras) encontra-se omissão de clíticos, e alguns autores relacionaram a existência de omissão com o facto de a língua manifestar concordância do participio passado com o objeto. Nomeadamente, observa-se uma evidência de omissão de clíticos nas línguas de padrão I. Por outro lado, nas chamadas línguas de padrão II, que não apresentam concordância do participio passado com o objeto, não se observaram dificuldades quanto aos clíticos e notou-se uma produção precoce. Resumindo, esta omissão/não omissão precoce foi correlacionada com a evidência de presença/ausência de concordância do participio passado por Wexler, Gavarró & Torrens (2003), que propõem que o fenómeno se deve a uma restrição, sujeita a maturação no sistema gramatical das crianças, relativa à verificação de traços gramaticais.

Segundo o que foi referido acima, o PE não se considera uma língua de padrão I, visto que não apresenta concordância de participio passado em género e em número com o objeto. Silva (2008) afirma deste modo que, tal como acontece no espanhol, no grego e no romeno, que são línguas que também não têm essa concordância, poderíamos considerar que o PE seria uma língua de padrão II. Logo, poderíamos prever que o PE seguisse as características destas línguas, ou seja, que não houvesse omissão precoce de clíticos. Porém, a autora menciona que, tal como Costa & Lobo (2006, 2007), Varlokosta et al. (2016) e Carmona & Silva (2006) observaram, as crianças portuguesas omitem clíticos em taxas muito altas e até mais tarde relativamente a outras línguas já estudadas, nas quais se encontra esta omissão dos pronomes. Como Costa & Grolla (2017) mencionam, uma vez que o PE permite objetos nulos, a produção de um verbo sem complemento pode não corresponder a uma omissão de clítico, mas sim a uma produção de objeto nulo semelhante à que se encontra na gramática do adulto.

Relativamente a outras línguas, Costa & Grolla (2017) e Varlokosta et al. (2016) referem que as crianças não apresentam grandes problemas na colocação dos pronomes

clíticos e podemos, assim, considerar que há um bom conhecimento das propriedades destas formas pronominais. Em Varlokosta et al. (2016) observa-se um padrão interlinguístico de uma preferência pelas formas mais fracas disponíveis na língua e isso revela que as crianças têm conhecimento pragmático relevante, associado ao contexto discursivo.

Quanto ao PE, portanto, este desvia-se dos padrões mencionados, e é por isso um caso muito específico, visto que, como Silva (2008) menciona, não há uma evidência clara que comprove uma correlação entre a existência de omissão de clíticos no PE e a disponibilidade na língua-alvo de concordância de participio passado. Veremos, entretanto, o que acontece no PE e qual o desempenho das crianças portuguesas.

2.1. Aquisição de Clíticos

2.1.1. Produção/omissão de clíticos na produção oral

Na aquisição de uma língua, há estruturas de aquisição precoce e estruturas de aquisição tardia, uma vez que nem todas as estruturas linguísticas estabilizam da mesma forma nem ao mesmo tempo. O facto de as crianças não produzirem uma estrutura linguística não é evidência de que ela não esteja disponível ao nível da compreensão. Segundo Carmona & Silva (2006), as crianças tendem a evitar enunciados complexos na linguagem do dia a dia. Já há alguns trabalhos que mostram que, muitas vezes, uma estrutura linguística já é compreendida, apesar de as crianças não fazerem uso dela.

A questão que nos interessará no presente trabalho é a aquisição de clíticos em PE, fenómeno sobre o qual se encontram vários trabalhos desenvolvidos, como Costa & Lobo (2005; 2006), Costa, Fiéis & Lobo (2015), Carmona & Silva (2006) e Silva (2008; 2011), entre outros. Mais especificamente, o presente trabalho foca-se na produção de clíticos em produções textuais escritas por crianças portuguesas.

Em PE usa-se clíticos na posição de objeto, mas também se usa pronomes fortes, embora, geralmente, apenas em sintagmas preposicionais. Costa & Grolla (2017) mencionam que há desde cedo uma distinção pelas crianças entre clíticos e outros pronomes.

Quanto à produção oral, o estudo efetuado por Costa & Lobo (2005) não confirmou a predição de que o PE, por não apresentar concordância de participio passado, não teria omissão de clíticos, segundo a hipótese de Wexler, Gavarró e Torrens (2003). Os autores

admitem que, se as crianças portuguesas omitirem clíticos, há a possibilidade de estarem a utilizar esta estratégia da língua-alvo. Os resultados obtidos em Costa & Lobo (2005), mas também em Silva (2008), Costa & Lobo (2008), Costa, Fiéis & Lobo (2015) e Varlokosta et al. (2016), mostram que as crianças portuguesas omitem clíticos em taxas superiores e até mais tarde do que as crianças de outras línguas estudadas em que também se observa omissão. Varlokosta et al. (2016) observaram também que as crianças usaram objetos nulos, SN e pronomes e afirmam que o PE é, neste aspeto, uma língua muito diferente das outras línguas com clíticos. Comparando com as outras línguas investigadas, neste estudo, observou-se que as crianças portuguesas usaram clíticos apenas metade das vezes esperadas e o objeto nulo mostrou-se a opção preferida.

Costa & Lobo (2005) fizeram um estudo experimental para testar a produção de clíticos acusativos de 3ª pessoa, particularmente, em contexto de ênclise e próclise em frases simples e contextos de ilha. Os autores destacam a particularidade do PE de aceitar o objeto nulo. Aplicaram uma tarefa de produção elicitada a 21 crianças dos dois aos quatro anos, em que as crianças tinham de corrigir ou ajudar um boneco que apresentava dados incorretos de uma história contada. A produção de clíticos era favorecida pelo contexto, uma vez que o objeto já era mencionado na história. Os resultados indicaram que, para todas as condições, a não produção de clíticos ocorria até uma idade mais tardia, comparativamente com outras línguas com omissão de clíticos, como é o caso do espanhol e do grego. Contrastaram, assim, duas hipóteses alternativas para explicar a ocorrência desta omissão de clíticos: a Unique Checking Constraint (UCC)¹ e a complexidade. A UCC não explica por que razão no PE a omissão dos clíticos ocorre em idades mais tardias. Assim, foi apontada a complexidade do sistema como fator explicativo da omissão de clíticos para o PE e a omissão não foi atribuída a um princípio de maturação.

Quanto a essa omissão, Costa & Lobo (2005) consideram que as crianças são sensíveis aos contextos sintáticos, havendo mais omissão em contextos legítimos de objeto nulo do que em outros contextos não legítimos de objeto nulo. Verificaram ainda que não há produção de clíticos em contextos de ilhas fortes, mas antes um aumento de SN. Os autores

¹ UCC é uma restrição de verificação única de traços, que impediria a verificação de mais do que um traço pelo clítico. A UCC, presente na gramática inicial das crianças, é entendida como um princípio de desenvolvimento que desaparece no processo em direção à gramática do adulto.

chegam à conclusão de que a disponibilidade de objetos nulos e a posição variável dos pronomes clíticos geram dificuldades na aquisição de clíticos pelas crianças portuguesas. Carmona & Silva (2006) defendem que as crianças têm a construção de objeto nulo e mencionam que foram encontradas formas nulas em todos os contextos (ênclise, próclise e ilhas). Costa & Lobo (2008) notaram uma sobregeneralização da construção de objeto nulo no PE, disponível na gramática do adulto e Costa, Fiéis & Lobo (2016) mencionam que, por causa dessa sobregeneralização, embora as crianças falantes de PE produzam clíticos desde cedo, tendem a omiti-los. Costa & Grolla (2017) notam que, embora o sobregeneralizem, as crianças usam o objeto nulo produtivamente desde cedo. Costa & Lobo (2008) e Costa, Fiéis & Lobo (2016) confirmam esta observação pelo facto de haver boa compreensão de estruturas com objeto nulo pelas crianças e por estas aceitarem objetos nulos nos mesmos contextos em que os produzem. Contudo, Costa & Lobo (2008) referem que a performance das crianças portuguesas em contextos de ilha mostra que, apesar de terem conhecimento da estrutura de objeto nulo, adquirem tarde o conhecimento sobre os contextos que legitimam o objeto nulo, a partir dos 5 anos de idade.

No que diz respeito aos efeitos da complexidade do sistema como fator de omissão, de acordo com Costa & Lobo (2006), a hipótese de complexidade prediz que os níveis de produção de clíticos reflexos sejam significativamente maiores, uma vez que se trata de um contexto em que, não havendo competição entre clítico e objeto nulo, a complexidade é menor. Se as razões da omissão de clíticos fossem apenas decorrentes de fatores maturacionais, não seriam esperadas diferenças significativas entre os clíticos reflexos e os não reflexos. No teste aplicado pelos autores, encontra-se uma percentagem maior de produções de clíticos reflexos (69%), facto que reforça a ideia de que a omissão de clíticos ocorre por causa da complexidade do sistema e não por razões maturacionais.

Quanto ao tipo de clíticos, Silva (2008) efetuou um estudo sobre a aquisição de clíticos dativos, acusativos, reflexos e não argumentais, em que analisou a aquisição destes clíticos em 70 crianças dos três aos seis anos e meio de idade. Os resultados mostram, como em Costa, Fiéis & Lobo (2015) também, que em PE as taxas de omissão não são iguais para os vários tipos de clíticos, mas há uma maior produção de clíticos reflexos e não argumentais, tal como em Costa & Lobo (2006), comparativamente com os clíticos acusativos e dativos. Ou seja, as taxas de produção de clíticos na produção oral variam de acordo com o tipo de clítico. Apesar do efeito que o tipo de clítico teve no processo da aquisição, Silva (2008) observou

também o efeito da idade na produção de clíticos e notou um aumento de produção consoante a idade das crianças e, conseqüentemente, uma diminuição de objeto nulo.

Em Carmona & Silva (2006), quanto à variação em pessoa gramatical, apresenta-se uma maior percentagem de omissão de clíticos dativos de 3ª pessoa comparativamente aos de 1ª e 2ª pessoas, confirmando a hipótese de que a complexidade do sistema surge como fator determinante para a omissão de clíticos, visto que a UCC não prediz que haja diferenças relacionadas com pessoa. Deste modo, Carmona & Silva (2006) afirmam que a variação em pessoa é irrelevante para a verificação de caso, uma vez que qualquer um dos clíticos, de 1ª, de 2ª ou de 3ª pessoa, se encontra especificado quanto a caso, acusativo ou dativo (consoante o tipo de clítico), tendo sido encontradas formas nulas em todos os contextos (ênclise e próclise em frases simples e contexto de ilhas). Quanto aos clíticos reflexos e não-argumentais, verifica-se em Silva (2008) que há uma maior produção de formas clíticas na 3ª pessoa do que na 1ª e 2ª pessoas e que, em relação aos clíticos não-reflexos, há uma maior percentagem de produção de formas de 1ª e 2ª pessoas do que de 3ª pessoa.

Estes resultados mostram que a especificação de pessoa gramatical interfere no desempenho das crianças portuguesas e são favoráveis à hipótese de complexidade do sistema linguístico, uma vez que a UCC não prediz que haja diferenças relacionadas com a pessoa. Por sua vez, verificou-se uma taxa significativa de produção de pronomes fortes em contextos de ilha forte. Tal não ocorreu em Costa & Lobo (2005) na elicitación de clíticos acusativos de 3ª pessoa, mas foi observado um aumento de SN. Também nos adultos, observa-se uma frequente substituição de clítico dativo por pronome forte, facto que indica uma competição entre forma forte e clítico, o que poderá aumentar a complexidade do sistema. Segundo Carmona & Silva (2006), podemos afirmar que, relativamente ao contexto acusativo, a competição relevante é entre objeto nulo e clítico, enquanto para o contexto dativo a competição será entre objeto nulo, clítico e pronome forte. No que se refere ao contexto de clítico dativo, Vieira (2010) não refere o pronome forte, mas apenas uma competição entre objeto nulo e produção de clítico. Vieira (2010) apresenta ainda os resultados de contexto de clítico acusativo em contexto de ilha forte, e destaca a competição entre a produção do clítico e a forma nula, mesmo quando esta não é permitida pela gramática do adulto, o que confirma a hipótese de sobregeneralização do objeto nulo (Costa & Lobo, 2006). Observa-se essa sobregeneralização, de acordo com a autora, não só para o contexto de clítico acusativo em contexto de ilha forte, mas também para o contexto de clítico

acusativo reflexo. A autora continua, afirmando que, das três condições que apresentou, a do contexto de clítico dativo é a única em que é legítimo alternar entre a produção do clítico e a sua forma nula. No entanto, em contexto de imitação há uma clara preferência para a produção do clítico no que diz respeito aos grupos etários dos 4 e 5 anos de idade, idade na qual parece que estes clíticos estão bem estabilizados.

Visto que o interesse principal do presente estudo é a produção de clíticos no PE a partir de produções escritas de crianças portuguesas, teremos de considerar na análise dos dados os aspetos da língua portuguesa referidos nesta secção, como a produção de objeto nulo e os padrões de colocação permitidos, dependendo do contexto. Nos textos analisados em que não houver produção de clíticos, será interessante observar quais as estratégias escolhidas, SN ou produção de objeto nulo.

2.1.2. Colocação na produção oral

Um outro aspeto dos clíticos, que já foi bastante estudado e será relevante no presente trabalho, é o desenvolvimento dos padrões de colocação.

Em PE os clíticos apresentam três padrões, sendo os mais comuns a ênclise e a próclise. A mesóclise é um padrão considerado menos frequente em PE contemporâneo, apresentando a mesma distribuição que a ênclise, mas ocorrendo apenas em formas verbais no futuro e no condicional. De acordo com Duarte, Matos & Faria (1995), em PE a ênclise é o padrão básico em orações finitas e não-finitas e a próclise é desencadeada num determinado conjunto de contextos que obrigam à antecipação do pronome clítico em relação ao verbo. Duarte & Matos (2000) identificam os principais contextos em que a próclise se desencadeia: (i) em orações com operadores de negação e sintagmas negativos em posição pré-verbal; (ii) em orações com CP preenchido (e.g. relativas, completivas, interrogativas parciais); (iii) com alguns sujeitos quantificados em posição pré-verbal; (iv) com elementos focalizados de carácter contrastivo, deslocados para a esquerda; (v) com alguns advérbios em posição pré-verbal e por último (vi) em orações com complementadores. A ênclise ocorre nos restantes contextos, sendo o padrão de colocação básico no PE.

Segundo Duarte, Matos & Faria (1995), as crianças portuguesas em estados iniciais de aquisição, até cerca dos 42 meses, tendem a generalizar a ênclise como padrão de colocação de clíticos. Duarte & Matos (2000) confirmam esta preferência do padrão enclítico durante a

aquisição da linguagem e também confirmam uma generalização de ênclise, independentemente da presença de elementos que induzem próclise. Observa-se uma estabilização de colocação por volta dos 48 meses de idade. Quanto às razões possíveis desta estabilização tardia, Costa, Fiéis & Lobo (2016) referem que a aquisição da próclise e a sua estabilização ocorre de forma gradual nos diferentes contextos e em taxas diferenciadas e este tempo é condicionado pela necessidade de determinar aspetos lexicais ou apenas sintáticos dos desencadeadores de próclise. Observou-se que, se a dependência de aspetos lexicais é menor, a performance das crianças aproxima-se mais cedo da dos adultos.

Costa, Fiéis & Lobo (2015) testaram crianças falantes do PE entre os 5 e os 7 anos, aplicando uma tarefa de elicitación. Os resultados do estudo confirmam que há uma grande variação entre próclise e ênclise até idades tardias, mesmo até aos 7 anos. Verifica-se então que a colocação de clíticos em PE não é adquirida precocemente, ao contrário de outras línguas, nas quais as crianças colocam corretamente os clíticos desde muito cedo (como se observou em Varlokosta et al., 2016). Entretanto, embora haja um desenvolvimento entre os 5 e os 7 anos, apesar de não se ter encontrado muita omissão, observa-se uma taxa elevada de uso de ênclise em contextos de próclise, ainda nas idades de 6 e 7, como Duarte, Matos & Faria (1995) e Duarte & Matos (2000) já notaram, mas o contrário não se evidenciou. Silva (2008) também observa uma generalização do padrão enclítico a partir dos 3 anos e meio, apesar da presença de elementos que atraíam o clítico para uma posição proclítica. Em Costa, Fiéis & Lobo (2015) reparou-se ainda que no PE esta generalização de ênclise demora mais do que em outras línguas. Pelo contrário, em contextos de ênclise praticamente não se registam casos de próclise. Os autores observam que em PE as crianças seguem padrões desviantes na colocação de clíticos, que não estão associados à finitude do verbo. Em Varlokosta et al. (2016), estudo em que foram investigadas 16 línguas, foi observado na maioria das línguas estudadas um uso de próclise com verbos finitos e ênclise com verbos não finitos. O PE foi uma exceção, visto que a próclise é determinada sintaticamente. É curioso que, no estudo de Costa, Fiéis & Lobo (2015), em contextos de ênclise, houve apenas um caso de próclise nos 264 casos analisados. Pelo contrário, verificou-se uma grande percentagem de ênclise em contextos de próclise por todos os grupos de crianças e uma percentagem menor pelo grupo de controlo. Porém, esta colocação dos clíticos em posição não alvo varia dependendo dos vários contextos de próclise, visto que em alguns contextos a aquisição de próclise é precoce. Encontrou-se mais variedade de colocação nos contextos em que se encontrou uma

variabilidade nas produções adultas também. Observa-se ainda uma taxa pequeníssima de redobro e uma taxa de omissão residual.

Costa, Fiéis & Lobo (2015) observaram também que o desenvolvimento quanto à colocação dos clíticos é mais lento, visto que esta colocação não está associada à finitude-não finitude do verbo, propondo que as crianças são sensíveis ao tipo de contexto. As crianças apresentam taxas diferentes de colocação-alvo dependendo do proclisador, sendo o contexto de negação aquele em que a próclise estabiliza mais cedo. Costa, Fiéis & Lobo (2014) estabeleceram uma escala de desenvolvimento da próclise: Negação > Sujeitos negativos / subordinação completiva > Advérbio já > subordinação adverbial > Sujeitos quantificados.

Uma hipótese de Costa, Fiéis & Lobo (2016), a partir desta escala e dos resultados do seu estudo, é a de que a especificidade dos itens lexicais poderia ser um possível fator de explicação da aquisição tardia, visto que, quanto menos lexicalmente especificado é o contexto desencadeador de próclise, mais precoce é a sua estabilização. Destacam ainda a importância destes resultados sobre a colocação dos pronomes clíticos, já que constituem evidência para a interação entre fatores sintáticos e lexicais na estabilização do conhecimento linguístico.

2.1.3. Colocação de clíticos com complexos verbais – subida de clítico na oralidade

Segundo Lobo & Vitorino (2018), a colocação de clíticos no PE é muito mais complexa comparativamente com outras línguas, e depende de vários fatores.

Uma possibilidade permitida em PE é, segundo Lobo & Vitorino (2018), a subida de clítico, fenómeno em que um clítico que seja complemento de um verbo não-finito sobe para o verbo finito de um domínio mais alto. Com os verbos auxiliares e com alguns verbos que selecionam domínios infinitivos, como por exemplo o verbo ‘querer’, esta subida é opcional (Martins, 2013). Por sua vez, com os verbos auxiliares que selecionam participio passado, em PE o clítico não pode ser colocado no participio passado e, deste modo, sobe sempre para o verbo auxiliar. Magro (2004) refere que, ao contrário de outras línguas românicas de sujeito nulo, em que a distribuição dos padrões de colocação dos clíticos é essencialmente determinada pela oposição tempo finito/tempo não-finito, em PE, ênclise e próclise são padrões de colocação disponíveis quer em domínios finitos, quer em domínios não-finitos. Em domínios finitos ou em domínios não-finitos com infinitivo flexionado, ênclise e próclise

encontram-se em distribuição complementar, sendo possível definir as configurações que determinam cada um dos dois tipos de colocação. No entanto, segundo a mesma autora, o mesmo não acontece nos domínios não-finitos com infinitivo não-flexionado. Neste caso, existem contextos em que só a ênclise é permitida e contextos em que próclise e ênclise se encontram em variação livre. As orações infinitivas afirmativas preposicionadas admitem variação na colocação dos clíticos. Resumindo, a autora afirma que a subida do clítico é condicionada pelos verbos utilizados na oração superior, sendo uns de subida obrigatória, outros de subida opcional e um último grupo de subida desfavorável ou agramatical.

Quanto à aquisição da subida de clítico no PE, Lobo & Vitorino (2018) referem que é de aquisição precoce. Já antes dos 3 anos, as crianças produzem estruturas com subida de clítico. Quanto à estabilização desta propriedade, comparativamente com outras línguas, há evidência de que em PE a colocação de clíticos é um fenómeno que não se estabiliza até idades mais tardias.

No que diz respeito à sensibilidade aos contextos de proclisadores, há contextos mais fáceis para as crianças portuguesas e outros mais difíceis na sua aquisição. Lobo & Vitorino (2018), apresentando os resultados de um teste de produção induzida e de produção espontânea, mostram que adultos e crianças são sensíveis à presença de proclisador como facilitador da subida de clítico. Na presença de proclisador, todos os grupos têm taxas de subida mais elevadas. Quanto a esta sensibilidade à presença de proclisador como elemento facilitador da subida de clítico, observa-se taxas elevadas de subida de clítico em contextos de negação. Visto que este é o contexto em que há uma aquisição mais precoce (Costa, Fiéis & Lobo, 2015), não é estranho que as crianças de 5 anos já sejam sensíveis à presença de negação também nos contextos de subida de clítico.

Quanto aos contextos que influenciam a colocação de clíticos, Magro (2005) observou no seu estudo que a distribuição dos padrões de colocação de clíticos em infinitivas afirmativas preposicionadas (com infinitivo não-flexionado) é condicionada pela preposição que introduz a oração – em termos de frequência, existem preposições favorecedoras de ênclise e preposições favorecedoras de próclise. Observou ainda que a distribuição dos padrões de movimento do clítico (cliticização ao verbo infinitivo vs cliticização ao verbo matriz), em infinitivas preposicionadas subcategorizadas, é igualmente afetada pela preposição que introduz a oração – existem preposições indutoras de subida de clítico e

preposições bloqueadoras de subida. Outra observação foi a de que existe um alinhamento entre as preposições que favorecem ênclise e induzem subida de clítico e as que favorecem próclise e bloqueiam a subida de clítico e, por fim, as infinitivas afirmativas preposicionadas que diferem entre si apenas quanto à colocação do clítico apresentam contrastes de interpretação, nomeadamente em estruturas de predicação secundária.

Em síntese, a subida do clítico é lexicalmente condicionada, visto que é possível com certos verbos, mas não com outros. No que diz respeito à aquisição destes contextos de subida de clítico por crianças, Lobo & Vitorino (2018) observam um desenvolvimento gradual das propriedades lexicais associadas aos verbos que aceitam/não aceitam a subida – aos 8 anos, as crianças preferem alguma subida de clítico em contextos com verbos de subida desfavorável, mesmo que já haja uma sensibilidade às diferenças entre verbos de subida opcional e verbos de subida desfavorável.

2.2. A emergência da escrita compositiva

Neste trabalho, o foco será, como já foi referido, o desenvolvimento da produção de clíticos de crianças portuguesas, especificamente em produções escritas. Pires (2012) menciona sobre a língua oral e escrita que as duas modalidades têm objetivos comunicativos distintos e, por isso, a sua estrutura também apresenta diferenças. As estruturas linguísticas que se usa na oralidade costumam ser mais simples. Por outro lado, na modalidade escrita, o escritor não dispõe das pistas extralinguísticas das quais dispõe o falante na comunicação oral, e assim terá de ser compreendido a partir da leitura do texto.

No que diz respeito ao desenvolvimento dos clíticos, como já mencionado, apesar de existir um número considerável de estudos sobre a produção oral das crianças, a aquisição de clíticos na produção escrita é menos investigada.

Pires (2012) menciona que, à entrada do 1º ciclo, as crianças já dominam um número significativo de estruturas linguísticas da sua língua materna, mas ainda estão longe da proficiência linguística do falante adulto, por isso, a sua língua é bastante diferente da do falante adulto. Gonçalves, Guerreiro & Freitas (2011) referem que o período correspondente à frequência do 1º Ciclo (6-10 anos) é considerado crucial, visto que é neste período que se desenvolve a competência textual. Costa & Gonçalves (2010), num estudo longitudinal, analisaram textos narrativos e não narrativos de crianças entre o 3º e o 6º ano, pretendendo-

se observar a progressão de competências de escrita que as crianças mostraram durante estes quatro anos. Considerando aspectos estruturais e gramaticais, as autoras notaram um desenvolvimento na escrita de ambos os tipos de texto. No que se refere a aspectos gramaticais, verificou-se uma progressão na complexidade linguística, nomeadamente um aumento no uso de estruturas sintáticas mais complexas.

Pires (2012) refere que a criança tende a passar para a escrita a estrutura da sua própria oralidade, tanto ao nível da sintaxe como ao nível do léxico. Esta transposição direta da oralidade para a escrita, segundo a autora, é de aquisição médio-tardia, dado que acontece depois do 3º ano de escolaridade, dependendo do input linguístico a que estão expostas as crianças. Os enunciados escritos nos primeiros anos de ensino apresentam maioritariamente a parataxe em vez da hipotaxe, estrutura frequentemente dominante em discursos orais produzidos por falantes eruditos em contextos menos formais. Progressivamente, as crianças têm de aprender a usar estruturas linguísticas que não estão habituadas a usar na oralidade.

Costa A. L. et al. (2017) mencionam que, quando as crianças começam a dominar padrões de escrita compositiva, aproximadamente por volta do 3º ano (Martins & Niza 1998), ainda não possuem um conjunto suficientemente amplificado de estruturas sintáticas necessárias para enfrentar desafios académicos e resolver problemas do dia a dia. Estão ainda a desenvolver diversos aspectos do conhecimento lexical e gramatical, em particular do conhecimento sintático, e da sua emergência ou estabilização depende o desenvolvimento da escrita. No entanto, as autoras referem que o conhecimento implícito de uma dada estrutura e a sua consciência linguística podem não ser sempre entendidos como uma condição prévia para o desenvolvimento da escrita, já que algumas estruturas menos frequentes e mais complexas surgem precisamente em géneros discursivos requeridos pela escolarização.

Quanto ao uso de pronomes clíticos, Costa & Gonçalves (2010) referem que o uso de clíticos pode indicar estruturas mais complexas, normalmente usadas na escrita. As autoras confirmaram uma aquisição tardia de clíticos nos textos das crianças, como já se referiu em outros estudos sobre a aquisição de clíticos na oralidade. Notou-se, entretanto, um aumento de uso de clíticos com a idade, o que pode ser correlacionado com o desenvolvimento no uso de estruturas mais complexas. Por último, quanto ao uso dos clíticos nos textos produzidos,

observou-se a posição adequada em cada contexto e uso do tipo de clítico alvo consoante a função sintática.

No presente trabalho, estudaremos as produções escritas de crianças do 2º ano, uma vez que nos primeiros anos da escolaridade se observa este desenvolvimento da competência textual e as crianças começam a produzir textos mais complexos.

2.2.1. Fatores que influenciam a produção escrita

Na investigação sobre escrita, alguns trabalhos têm mostrado que as condições de produção podem ter efeitos nos textos que as crianças escrevem. Por exemplo, Lins e Silva & Spinillo (2000) referem-se ao efeito que a situação de produção tem sobre a qualidade narrativa e mencionam que esta pode influenciar as produções escritas das crianças. Notaram uma grande variabilidade entre as diferentes situações: histórias produzidas a partir de imagens (uma única imagem ou uma sequência delas), a partir de desenho feito pela própria criança, a partir de filmes, da apresentação de um tema ou fornecimento de um título, entre outros. Pelo que se refere neste estudo, há mais conhecimento sobre a produção oral do que sobre a produção escrita, principalmente quanto ao efeito das condições de produção sobre a qualidade narrativa do texto escrito. Referem-se ainda a casos em que as histórias orais de uma mesma criança variam de uma situação para outra quanto ao nível da estrutura narrativa que apresentam.

Os dados mostraram que as condições têm um efeito sobre as produções das crianças. Estas condições que influenciam as produções são a produção livre; a produção oral/escrita; a produção a partir de sequência de imagens; e a reprodução de uma história ouvida. As histórias a partir da sequência de imagens e a partir da história que se ouviu foram as que tiveram uma estrutura narrativa mais elaborada. Spinillo (1991), no seu estudo, mostra que as narrativas produzidas a partir de um desenho apresentam características típicas de linguagem oral. A inclusão de uma situação-problema representada nas imagens parece ser elemento essencial para a emergência de estruturas narrativas mais elaboradas, como referem Lins e Silva & Spinillo (2000). Os autores, como Costa & Gonçalves (2010) observaram, destacam que, como na produção oral, há uma evolução na escrita de histórias relacionada com fatores que têm um papel importante na produção escrita narrativa, como a idade e a escolaridade, mas também a exposição e o contacto que estas crianças tiveram com textos no contexto familiar, um contacto que varia entre classes sociais distintas. Os

mesmos autores afirmam que há padrões similares de desenvolvimento em relação às idades e às diferentes línguas quanto à produção de uma narrativa elaborada, mas também a escolaridade aparece como fator importante neste desenvolvimento.

Resumindo, para observar o possível desenvolvimento das crianças portuguesas quanto ao uso de pronomes clíticos na produção escrita, usaremos estímulos adequados para esta fase inicial da emergência da escrita. Propomo-nos comparar os resultados das produções dos participantes em dois momentos distintos, nos quais foi aplicado o instrumento de diagnóstico do PIPALE, no primeiro momento do diagnóstico, no início do 2º ano, e no segundo momento, no início do 3º ano.

2.2.2. Questões de Investigação

Colocaremos em seguida as nossas questões de investigação e apresentaremos as nossas hipóteses, baseando-se no enquadramento teórico referido em cima. Com este estudo procura-se responder às seguintes perguntas:

- 1) Há desenvolvimento quanto à aquisição de clíticos nas produções escritas de crianças portuguesas durante o segundo ano do ensino básico?
- 2) A produção de clíticos pelas crianças está de acordo com a gramática alvo no que diz respeito ao tipo de clítico e à sua posição?
- 3) Que estratégias são usadas pelas crianças como alternativa à produção de clíticos?
- 4) O desenvolvimento na produção de clíticos na escrita é semelhante ao que se encontra na oralidade?

Segundo o que já foi referido e numa tentativa de responder às perguntas acima colocadas, colocamos aqui as seguintes hipóteses que subjazem ao presente trabalho:

- 1) Espera-se encontrar desenvolvimento quer no número de crianças quer no número de clíticos produzidos entre os dois momentos de aplicação da tarefa de escrita;
- 2) Espera-se encontrar mais desvios às formas-alvo a nível morfofonológico e de colocação no primeiro momento em comparação com as produções do segundo momento.
- 3) Prevê-se que as crianças que não produziram clíticos nos seus textos usem diferentes estratégias alternativas: i) omissão do clítico quando os contextos de produção

obrigatória ainda não se encontrem adquiridos e ii) recurso a SN quando se manifestam dificuldades no uso de mecanismos de coesão referencial;

- 4) Espera-se que se manifestem na escrita opções semelhantes às que se encontram na modalidade oral, em particular quanto ao tipo de desvios e às estratégias usadas quando não há produção de clíticos.

Pretende-se com este trabalho contribuir com novos elementos para a investigação sobre o desenvolvimento dos pronomes clíticos no PE na aquisição da escrita e esperamos poder dar respostas às questões referidas acima.

3. Metodologia

Neste capítulo apresentamos a metodologia que seguimos durante o trabalho. Para o presente trabalho usou-se um *corpus* constituído por textos escritos produzidos no âmbito do instrumento de diagnóstico do PIPALE, que foi implementado em três agrupamentos de escolas do distrito de Setúbal, no município de Sesimbra, a alunos do 2º ano de escolaridade no início do ano letivo de 2019-2020.

O PIPALE é um projeto na área do ensino do Português, que procura contribuir para a prevenção de dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita. Desenvolve-se em três vertentes:

- a) Avaliação de competências da linguagem oral e escrita para identificação de áreas de maior dificuldade para os alunos;
- b) Formação de educadores de infância e professores de 1.º ciclo nas áreas da consciência linguística, da leitura e da escrita.
- c) Acompanhamento da intervenção, com um apoio regular e sistemático aos docentes na planificação, implementação e monitorização de estratégias de ensino-aprendizagem.

3.1. Participantes

No total, o instrumento foi aplicado a 226 crianças de 2º ano, tendo-se selecionado para o presente estudo um subconjunto de participantes de acordo com os seguintes critérios: i) terem participado em ambos os momentos da implementação do teste; ii) serem falantes nativos de Português Europeu; iii) não apresentarem medidas seletivas ou adicionais

de suporte à aprendizagem. Foram ainda excluídos os textos ilegíveis ou em branco. Mantiveram-se na amostra 6 textos de um dos instrumentos que cumpriam todos os critérios de seleção, mas em que a produção escrita não é compreensível, seja por falta de coesão textual no enunciado produzido pela criança ou porque a produção escrita não formava alguma frase. Não houve diagnóstico de medidas seletivas ou adicionais dos participantes destas produções e por isso as incluímos na nossa amostra.

Das 226 crianças, 15 tinham o Português do Brasil (PB) como língua materna, 25 tinham medidas adicionais e uma tinha tanto medidas adicionais como língua materna PB. 136 crianças das 226 participaram em ambos os testes. Este foi um fator muito importante, visto que o foco do trabalho é o desenvolvimento da produção de clíticos na escrita e por isso considerámos apenas os textos das crianças que tinham participado nos dois instrumentos, para podermos analisar o seu desenvolvimento.

Todos os textos analisados estavam associados através de um código, para garantir o anonimato dos participantes.

3.2. A tarefa / Procedimentos

Foi utilizada uma tarefa semi-estruturada de produção escrita. A tarefa faz parte do Caderno 4 do Instrumento de diagnóstico PIPALE (Batalha et al. 2021), que avalia competências de leitura e escrita e que foi aplicado em dois momentos distintos, com cerca de um ano de intervalo. No primeiro momento os participantes estavam no início do 2º ano do Ensino Básico e no segundo momento estavam no início do 3º ano

A prova foi realizada em sala de aula, aplicada pela professora titular de turma. A tarefa do Instrumento 1 era constituída por uma sequência de três imagens que apresentavam uma situação problemática e a respetiva resolução. Os participantes tinham a instrução de escrever uma história a partir da sequência das imagens abaixo (Figura 1). Na primeira imagem aparece uma senhora que dá um balão a um menino. Na segunda imagem o balão foge e na terceira um pássaro traz o balão de volta para o menino.

A instrução foi a seguinte: “Observa as imagens. Escreve uma história a partir da sequência de imagens. Dá um título à tua história.”



Figura 1. Sequência de imagens do Instrumento 1.

A tarefa do Instrumento 2 era também constituída por uma sequência de três imagens e a instrução era a mesma. A única diferença entre a tarefa do Instrumento 1 e 2 era a sequência das imagens (Figura 2). No Instrumento 2, na primeira imagem aparece um menino a andar de bicicleta. Na segunda o menino está no chão e a bicicleta num buraco e, na terceira, aparece uma senhora que eventualmente ajuda o menino a levantar-se.



Figura 2. Sequência de imagens do Instrumento 2.

Para o objetivo deste trabalho, analisou-se especificamente a produção de clíticos nos textos recolhidos e observou-se o desenvolvimento que ocorre entre os dois momentos diferentes.

3.3. Tratamento e Análise dos dados

Após a recolha de todos os dados, procedeu-se à sua seleção e organização consoante os critérios de inclusão/exclusão dos participantes. Tivemos acesso a todos os textos já digitalizados, bem como aos textos originais e textos transcritos. Primeiro, separámos os textos da nossa amostra do resto dos textos dos indivíduos que participaram mas não cumpriam os critérios de seleção. Em seguida, fizemos o levantamento de todos os pronomes e distinguimo-los quanto ao estatuto morfofonológico, separando clíticos de outros pronomes produzidos em posição de complemento direto ou indireto. Assim, focámo-nos somente nos pronomes clíticos produzidos e não em outros pronomes. Os dados foram

tratados no programa *LibreOffice Calc*, onde foram registados apenas os enunciados com clítico produzido. Usámos o *Excel* para registar cada produção de clítico e agrupámos todos os dados, consoante aos critérios que nos interessaram para a análise.

Relativamente às respostas obtidas, analisámos vários parâmetros e os clíticos foram distinguidos quanto ao tipo de clítico (reflexo, dativo, acusativo), à pessoa gramatical e à posição. Classificámos clíticos com verbos simples (posição proclítica ou enclítica) e clíticos em complexos verbais (posição de próclise a V1, ênclise a V1, próclise a V2, ênclise a V2). Para cada categoria analisámos também a adequação à forma-alvo. Nos casos de domínio verbal simples, analisámos os dados tendo em conta a finitude do verbo. Quanto aos casos de domínio verbal complexo, visto que permitem mais do que uma posição de clítico, analisámos cada caso específico por categoria de verbo. Ou seja, distinguimos as posições permitidas por cada tipo de verbo. Nomeadamente, se o verbo era auxiliar, comparávamos entre a posição escolhida pela criança e as duas posições permitidas em contextos de ênclise (V1-Cl V2 / V1 V2-Cl) ou em contextos de próclise (Cl V1 V2 / V1 V2-Cl). Nos casos de verbos finitos, distinguimos entre verbos finitos com preposição (por exemplo, *lembrar-se de*) ou sem preposição, tendo em conta as preposições e as colocações permitidas. Outra informação importante no tratamento dos dados, relativamente à posição do clítico, foi o registo do elemento que induz próclise. Por fim, registou-se também informação sobre a ortografia dos clíticos.

Para a análise dos dados far-se-á uma análise descritiva. Para a apresentação dos dados, usam-se quadros que dão a conhecer os valores globais relativos aos contextos analisados dos pronomes clíticos. A partir da informação contida nos quadros, foram elaborados gráficos que exibem os valores globais ou percentuais relativamente aos contextos testados e foi assim estabelecida uma comparação entre os dois momentos da aplicação do instrumento. Para verificar se a progressão global na produção de clíticos entre os dois momentos é significativa, aplicou-se um teste estatístico t-test.

No capítulo seguinte, apresentar-se-á a análise dos resultados obtidos pelos sujeitos e seguidamente os resultados serão discutidos.

4. Resultados

Neste capítulo, para cada instrumento, analisaremos os resultados obtidos, começando pelo tipo de clítico, a pessoa gramatical e a colocação. Quanto à colocação, visto que se fez uma distinção por tipo de estrutura, apresentaremos primeiro os resultados de produções de domínio verbal simples e seguiremos com as produções de domínio verbal complexo. Quanto à organização dos resultados, apresentaremos tabelas, que contêm as frequências absolutas das ocorrências de cada tipo de resposta obtida e gráficos, que dizem respeito às percentagens respetivas. Por fim, far-se-á uma comparação entre os dois instrumentos, para se investigar o desenvolvimento linguístico das crianças entre os dois momentos.

4.1. Análise do primeiro instrumento

Primeiro, consideramos os dados globais de produção de clíticos no instrumento 1, depois os dados relativos a questões de colocação e por fim veremos as estratégias alternativas à produção de clíticos.

4.1.1. Produções no Instrumento 1

Como se observa na Tabela 1 abaixo, no primeiro instrumento, que foi aplicado no início do 2º ano do Ensino Básico, encontram-se 36 crianças (26%), das 136 crianças da nossa amostra, que produziram clíticos. O número total de clíticos produzidos é de 59, ou seja, houve crianças que produziram mais do que um clítico nas suas produções. Consequentemente, nas produções escritas das restantes 100 crianças (74%) não se encontrou produção de pronomes clíticos.

Nº total de participantes/textos	136
Total de clíticos produzidos	59
Nº de crianças que produziram clíticos	36
Nº mínimo de clíticos produzidos por criança	0

Nº máximo de clíticos produzidos por criança	4
Média de clíticos produzidos na amostra	0,43

Tabela 1. Dados globais relativos a produção de clíticos no Instrumento 1.

O mínimo de produções por criança foi 0 clítico e o máximo de produções foram 4 clíticos. Na amostra o valor médio de produção é 0,43 clíticos. Das 36 crianças, a maioria produziu apenas 1 clítico no seu texto, mas houve também textos com 2 clíticos, alguns com 3 clíticos e poucos com 4 clíticos.

4.1.2. Tipo de Clíticos

Como se vê na Tabela 2 abaixo, quanto ao tipo de clítico, os participantes optaram pelo clítico-alvo em cada contexto. Na totalidade foram produzidos 13 pronomes reflexos (22%), 10 acusativos (17%) e 36 dativos (61%), alguns dos quais podemos ver no exemplo (1). É de salientar que houve um enunciado em que o clítico escolhido pela criança não foi o clítico alvo, mas a criança produziu um pronome forte em vez de um pronome dativo como se vê em (2). Este enunciado não foi incluído nos 59 enunciados aqui considerados, por não ser um clítico. De resto, não se observa desvios na escolha das crianças quanto ao tipo do clítico, foi sempre produzido o clítico-alvo em todos os contextos.

PRODUÇÕES DA CRIANÇA	CLÍTICO ALVO		
	REFLEXO	ACUSATIVO	DATIVO
REFLEXO	13	0	0
ACUSATIVO	0	10	0
DATIVO	0	0	36
TOTAL	13	10	36

Tabela 2. Produção global de clíticos segundo o tipo de clítico-alvo.

- (1)
- a. A Sofia chatiou-se. (A0478)
 - b. Serto dia a mãe do Gabriel deu-lhe um balão. (A0573)
 - c. Mas o pedro a paiou o balão e deu o ao avô. (A0536)

(2) A mãe do Ze deu um balão a **ele**. (A0544)

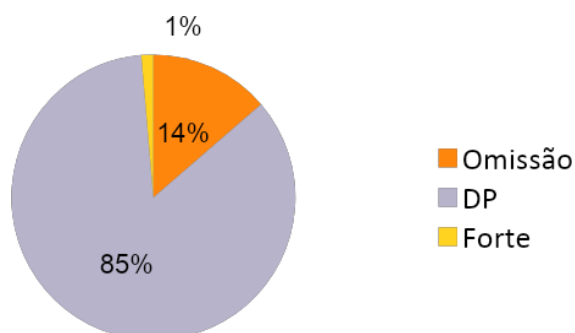


Gráfico 1. Percentagens das produções de clíticos segundo o tipo de clítico.

Quanto à frequência de cada clítico, a maioria das crianças produziu apenas um clítico. Há algumas crianças que produziram 2, sendo do mesmo tipo ou não, e são muito poucas as crianças que produziram 3 ou 4 clíticos, como se vê em (3).

(3) a. A mãe do João deu-**lhe** um balão azul mas o João largou-**o** e o João ficou muito triste mas apareceu um pássaro e apalhou-**o** e deu-**lhe** o balão. (A0383)

b.....como o João fez 5 anos a mãe lebrou-**se** de-**lhe** comprar um balão para o seu aniversário coando chegou a casa chamou o João deue-**lhe** o balão so que largou o balão e foi para o seu e noca mais **o** viu so que viu um balão igoal. (A0388)

4.1.3. Pessoa Gramatical

No que diz respeito à pessoa gramatical, no instrumento 1 há uma larga preferência para a 3ª pessoa em qualquer dos contextos. Por outro lado, não foram encontradas nenhuma produção de 2ª pessoa em nenhum tipo de clítico e houve apenas 3 produções de 1ª pessoa. Sendo produções narrativas, o uso predominante da 3.ª pessoa era esperado.

Quanto à pessoa gramatical e a sua frequência nas produções das crianças, o mínimo de produções da mesma pessoa gramatical é 0 e o máximo 4. Como já vimos acima, a maioria das crianças produziu apenas um tipo de clítico, conseqüentemente uma pessoa gramatical. Entretanto, houve algumas crianças que produziram 2 clíticos da mesma pessoa e poucas crianças que produziram 3 e 4 clíticos da mesma pessoa mas de diferente tipo de clítico, como se pode ver em (4).

(4) a. Era uma vez um menino chamado Vinisios e a mãe está no trabalho e
dunl~~he~~ um balão quado chegou de o trabalho mas o balão arebentouse e o
Vinisios comessou a chorar mas a mãe deul~~he~~ um novo e ele parou de chorar.

Fim. (A0546)

b. Era uma vez um menino chamado Pedro e ele tinha uma irmã com
vinte e sico anos e a sua irmã chamavasse Debora e ela não se escesseu do
aniverssariu do seu irmão Pedro ele fasia sinco anos e a sua irma deul~~he~~ uma
balão mas, esse balão voua e apesare de o balão voare o balão fojiu a vuare o
Pedro ficou muito triste. E no dia seguinte a sua irmã Debora levoul~~he~~ a uma
festa e estava lá o seu balão ele ficou muito feliz. E este é o fim da istoria.

(A0549)

4.1.4. Colocação de clíticos

4.1.4.1. Domínio verbal simples

Em primeiro lugar, analisaremos a colocação de clíticos pelo tipo de estrutura. Primeiro veremos os contextos de domínio verbal simples, analisaremos as preferências de colocação pelas crianças em contextos de ênclise e depois em contextos de próclise, consoante a finitude do verbo.

Das 59 produções que analisámos para o primeiro instrumento, encontrámos 56 em domínio verbal simples (95%) e apenas 3 em domínio verbal complexo (5%), as quais analisaremos a seguir. Em todas as 56 produções em domínio verbal simples foram encontradas apenas estruturas de verbos finitos e não se encontrou nenhum enunciado com verbos não finitos.

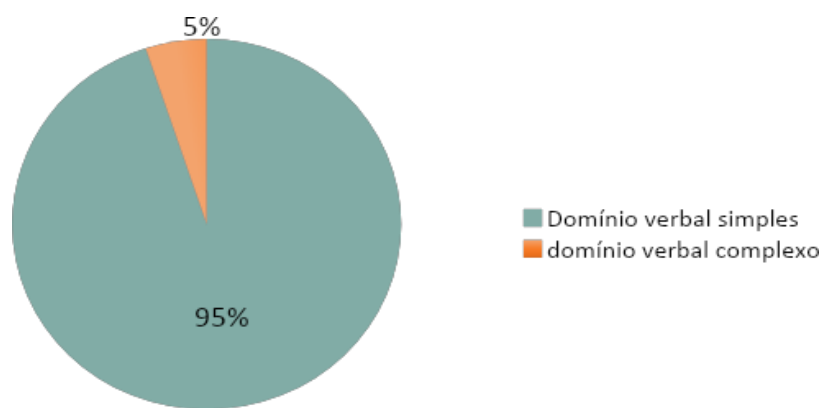


Gráfico 2. Percentagens do tipo de estrutura em que o clítico ocorre.

Analisaremos primeiro os contextos de ênclise. Na Tabela 3 abaixo observamos que 49 dos 56 enunciados que contêm um domínio verbal simples são de contexto de ênclise e mostramos na mesma tabela a colocação dos clíticos das crianças. A colocação preferencial das crianças foi a colocação-alvo (92%). No entanto, houve 3 casos de colocação proclítica (6%) e um caso de redobro (2%), como se vê em (5). Curiosamente, dos 3 casos desviantes, de próclise, 2 eram da mesma criança (5c.).

Colocação de Clítico – ÊNCLISE	V-CI	CI-V	REDOBRO	TOTAL
Vfin	45	3	1	49
Vinf	0	0	0	0

Tabela 3. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de ênclise.

- (5) a. Uma lida manha a mãe do João deu um balão ao Joao e ele viu um pasaro se distraio-**se** a ver um pasaro. (A0576)
- b. A Mãe do Afonso foi á loja e **lhe** compou um balão. (A0391)
- c. A mãe do João **lhe** deu um balão mas o balão vo-o para muito longe mas a mãe dele **lhe** deu um novo balão. (A0505)

Encontrámos nas 59 produções em domínio verbal simples 7 contextos de próclise, como se vê em (6a, 6b). Como se nota na Tabela 4 abaixo, houve apenas um caso de colocação desviante, ou seja, de colocação do clítico em posição de ênclise, apesar de haver elementos que atraem o clítico para uma posição proclítica. Esta colocação desviante observou-se numa frase subordinada (6c). Notámos, portanto, uma sensibilidade das crianças quanto aos contextos de próclise.

Colocação de Clíticos - PRÓCLISE	V-CI	CI-V	REDOBRO	TOTAL
Vfin	1	6		7
Vinf	0	0		0

Tabela 4. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de próclise.

- (6) a.so que largou o balão e foi para o seu e noca mais o viu so que vio um balão igoal. (A0388)
- b.e ela não se escesseu do aniverssariu do seu irmão Pedro (A0549)
- c. Era uma vez um menino que chamavase João a sua mãe deu um balão. (A0459)

4.1.4.2. Domínio verbal complexo

No primeiro instrumento encontrámos apenas 3 enunciados (5%) com clíticos num domínio verbal complexo e apenas com verbos finitos.

Quanto às colocações dos clíticos preferidas pelas crianças nestes contextos, não houve desvios. Apresentemos os casos por contextos de subida facultativa (7c), subida desfavorável e não subida (7a, 7b). Designámos as posições por categorias: i) V1 (P) V2-CI, onde V1 é o verbo auxiliar, P a preposição, e V2 o verbo infinitivo e CI o clítico, ii) V (P) CI V. Nos enunciados produzidos nota-se uma preferência para a posição enclítica ao primeiro verbo.

- (7) a.como o João fes 5 anos a mãs lebrou-**se** de-**lhe** comprar um balão para o seu aniversário. (A0388)
- b.e a mãe disse ocui eu copro mas tens de prometer**me** um coiza. (A0462)
- c. A mãe dá o balão ao pedro e o pedro deixa o balão vuar semcrer e o passarinho vai **o** bescar. (A0528)

4.1.5. Ortografia

Apesar de não ser o foco do presente trabalho, mas visto que nos interessa o contexto de escrita, achamos relevante referir brevemente alguns dados quanto à ortografia. Encontraram-se 30 enunciados com erros ortográficos na escrita do clítico, com uma grande tendência para a ausência de hifenização (26 dos 30 erros) (8a). Há um caso em que o pronome foi colocado junto a uma preposição (8b) e dois casos de substituição do pronome reflexo da 3ª pessoa “se” pela terminação de conjuntivo “-sse” (8c, 8d).

- (8) a. A mãe do João deul**he** um balão o João. (A0509)
- b. como o João fes 5 anos a mãs lebrou-se **de-lhe** comprar um balão para o seu aniversário. (A0388)
- c. mas o balão arebentou**se** e o Vinisios comessou a chorar mas a mãe deulhe um novo e ele parou de chorar. (A0546)
- d. Era uma vez um menino chamado Pedro e ele tinha uma irmã com vinte e sico anos e a sua irmã chamav**asse** Debora. (A0549)

Conclui-se que as regras ortográficas relativas à hifenização de clíticos não estão ainda adquiridas.

4.1.6. Ausência de clíticos nas produções escritas

Quanto às produções em que não se observou nenhuma produção de clíticos, apresentamos alguns dados para perceber quais foram as estratégias usadas pelas crianças. Analisaremos apenas os textos das crianças que fazem parte da amostra e não produziram nenhum clítico nos seus textos. Houve casos de crianças que não incluíram contextos possíveis para surgimento de clítico e ainda houve alguns textos incompreensíveis.

Observamos no Gráfico 3 abaixo que a estratégia preferencial das crianças foi o SN (85%), como se vê em (9a, 9b). 14% das crianças omitiu o clítico (9c) e apenas 1% usou pronome forte em vez de dativo (9d).

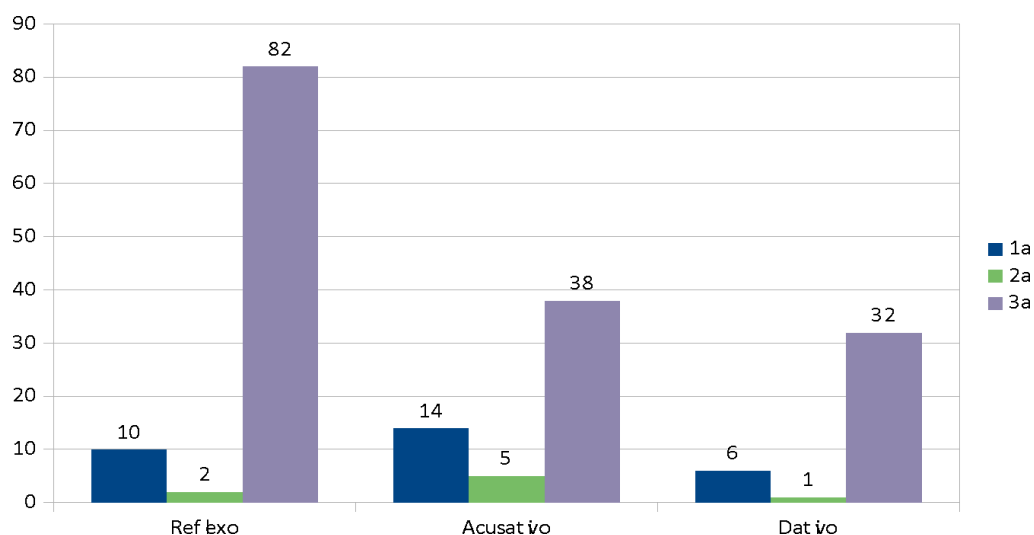


Gráfico 3. Percentagens das estratégias encontradas nas produções com ausência de clíticos.

- (9) a. A mãe do João copor um balão azul um dia o João largou **o balão** e o balão voa no dia seguinte a mãe copor outro balão azul e o João nunca largou **o balão**. (A0381)
- b. O João resebeo um balau mas o João largou e o balau e o balau vou e aterro noma novae e a Mãe ficou satiada e um passaro segou e deu **o balau** e o João ficou contente. (A0395)
- c. A mãe o Filho serjo fora dar um passai E a mãe deu um balão, e sairão da flor está e fora para o parque e o balo. Daixo voar! (A0466)
- d. A maê do Ze deu um balão a **ele**. (A0544)

Nesta fase, no início do 2º ano do Ensino Básico, observámos em geral produções de curta extensão ou enunciados longos com muita repetição de SN. Continuaremos com a análise do segundo instrumento e de seguida veremos se há algum desenvolvimento quanto às produções de clíticos entre os dois momentos.

4.2. Análise do segundo instrumento

Neste subcapítulo veremos todos os aspetos acima referidos nos dados do segundo instrumento, seguindo a mesma análise realizada para o instrumento 1.

4.2.1. Produções no Instrumento 2

A Tabela 5 abaixo mostra que, no segundo instrumento, que foi aplicado no início do 3º ano, se encontram 100 das 136 crianças (74%) que produziram clíticos. O número total de clíticos produzidos é de 190. Há, portanto, 36 crianças (26%) que não produziram pronomes clíticos no segundo momento.

Nº total de participantes/textos	136
Total de clíticos produzidos	190
Nº de crianças que produziram clíticos	100
Nº mínimo de clíticos produzidos por criança	0
Nº máximo de clíticos produzidos por criança	6
Média de clíticos produzidos na amostra	1,397

Tabela 5. Dados globais relativos a produção de clíticos no instrumento 2.

O mínimo de produções por criança foi 0 clítico e o máximo de produções foram 6 clíticos. Na amostra o valor médio de produção é 1,397 clíticos.

4.2.2. Tipo de Clíticos

Na Tabela 6 abaixo apresentamos os tipos de clítico alvo e as produções das crianças em cada contexto. No segundo instrumento, foram produzidos 94 reflexos, que apresenta a maior taxa (49%) de produção quanto ao tipo de clítico e não se encontra desvios quanto ao tipo. Quanto aos clíticos acusativos, foram produzidos 57 clíticos acusativos (30%) e houve um caso de redobro (incluído nas contagens), em que a criança tanto produziu o pronome acusativo como um pronome forte, como se vê em (10). De resto, todos os clíticos acusativos produzidos correspondem ao tipo de clítico alvo, segundo o contexto. Aqui notou-se 7 casos de produção de pronome forte em vez de acusativo, alguns dos quais se pode ver em (11a, 11b, 11c). Quanto aos clíticos dativos tivemos uma taxa menor de 39 produções (20%), dos

quais 6 (3%) não correspondiam aos clíticos alvo, tratando-se do fenómeno de lheísmo (12a, 12b, 12c), ou seja, as crianças produziram um clítico dativo em vez de acusativo.

PRODUÇÕES DA CRIANÇA	CLÍTICO ALVO			
	REFLEXO	ACUSATIVO	DATIVO	TOTAL PRODUÇÕES
REFLEXO	94	0	0	94
ACUSATIVO	0	57*	0	57
DATIVO	0	6	33	39
TOTAL	94	63	33	190

Tabela 6. Produção de clíticos por criança segundo o tipo de clítico.

(10) Quando chegou uma senhora que **o** viu **ele** a sanguerar do joelho.
(A0573)

(11) a. Ele se aleijou no juelho e está a deitar sangue e mãe ovuiu **ele** churar e foi là ter. (A0387)

b. Uma senhora muito simpatica viu **ele** e pôs-lhe um penso. (A0459)

c. Ele caiu e vaio uma descoisida ajudou **ele**. (A0536)

(12) a. Uma senhora que passeava no campo foi **lhe** ajudar o gustavo.(A0396)

b. A mãe dele chegou e acalmou-**lhe** e pos-lhe um penço. (A0427)

c.a tia foi lá e ajudou-**lhe** a corar-se e ficou melhor e a tia disse-lhe:...
(A0462)

Quanto à frequência dos clíticos, o mínimo de produções do mesmo clítico foi 0 e o máximo foi 5 clíticos. A maioria das crianças produziu 1 clítico do mesmo tipo. Verifica-se um maior número de produções por criança, que chega até às 5 produções do mesmo clítico, embora sejam poucos os casos, como se pode observar no exemplo (13).

(13) O João tava adar de bicicleta pelas ruas mas ele caiu no buraco mas não **se** aleisou. O João continoava adar de bicicleta mas derrepente ele foi parar a uma estrada com muitos buraco e a mãe desse João vai a pé mas o João não quis porisso ca bicicleta quaiu nos buracos aleisose e partiu o ousso do soao e comeso a deitar sangue. A mãe do João ficou preocupada, levou ao ospital e a

mãe do João não deixava e o João reclamo e depois o João foi adar de bicicleta sozinho e aleisose otravez e aprendeu que tem que se tem que ter quedado quando se anda de bicicleta. (A0498)

4.2.3. Pessoa Gramatical

No que diz respeito à pessoa gramatical, no segundo instrumento também se nota uma larga preferência para a 3ª pessoa (80%) em qualquer dos contextos, com uma produção de 152 clíticos.

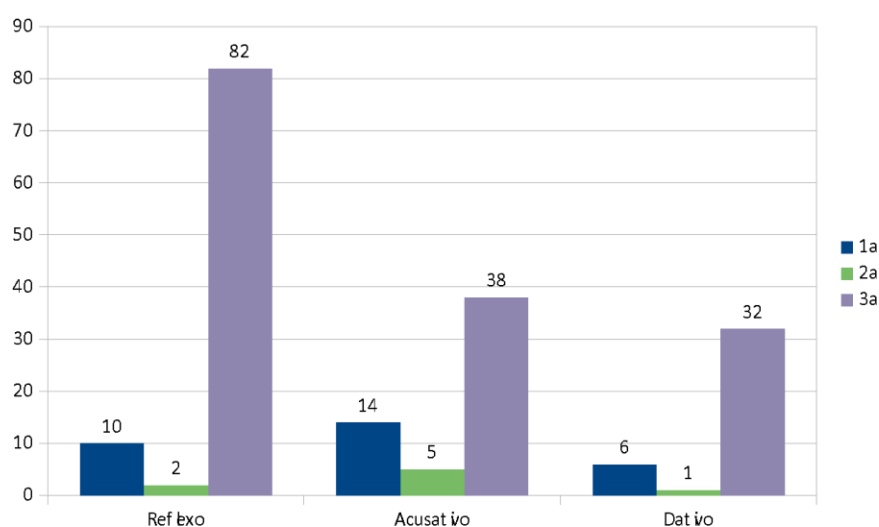


Gráfico 4. Percentagens das produções de clíticos segundo o tipo de clítico.

Vemos no Gráfico 4 que, entretanto, há produções de todas as pessoas gramaticais na globalidade dos textos. Há 30 clíticos na 1ª pessoa gramatical (16%) e observamos também uma pequena taxa de produções de 2ª pessoa gramatical em todos os contextos (apenas 8 produções, 4%).

Quanto à pessoa gramatical e a sua frequência nas produções das crianças, houve muitas crianças que produziram 2 ou mais clíticos de 3ª pessoa, com máxima produção de 6 clíticos. Entretanto, poucas crianças produziram mais do que 1 clítico de 1ª e 2ª pessoa e a máxima produção foi de 2 clíticos (14a).

(14) a. Ai! Magoei-me

Uma bela manhã, Carlos, estava a andar de bicicleta no parque da vila, um minuto depois de andar muito, Carlos caiu ao pé de um buraco. Ele começou a chorar. Sua mãe perguntou: “Estás bem meu filho”? – perguntou a mãe. - Estou sim, só **me** magoei no joelho. – diz Carlos a chorar. Depois eles foram para casa e cuidaram da ferida. (A0530)

4.2.4. Colocação de clíticos

4.2.4.1. Domínio verbal simples

Quanto ao tipo de estrutura, como no primeiro instrumento, analisaremos a colocação de clíticos pelo tipo de estrutura, começando pelos contextos de domínio verbal simples. Analisaremos as preferências de colocação pelas crianças em contextos de ênclise e depois em contextos de próclise.

Encontrámos 142 das 190 produções do segundo instrumento, em domínio verbal simples (75%) e 48 em domínio verbal complexo (48%), as quais analisaremos a seguir. Encontram-se 138 produções em estruturas com verbos finitos (97%) e 4 em estruturas com verbos não finitos (3%). como se vê no Gráfico 9.

Colocação de Clíticos - ÊNCLISE	V-CI	CI-V	REDOBRO	TOTAL
Vfin	92	13	1	106
Vinf	0	0		0

Tabela 7. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de ênclise.

Como se vê na Tabela 7 acima, encontram-se 106 contextos de ênclise nos 142 enunciados em domínio verbal simples. Encontraram-se 92 casos de colocação-alvo (87%), que representa a maioria. No entanto, houve 13 casos de colocação desviante (12%) de colocação proclítica e um caso de redobro (1%), como se vê em (15a). Quanto aos desvios, observámos que 2 das crianças colocaram o clítico em posição desviante em 2 enunciados (15b, 15c), enquanto as outras crianças apenas num enunciado.

- (15) a..... e caiu na coisa estranha e **se** aleijouse e uma senhora veio... (A0523)
- b..... Derepente ele **se** destraiu e caiu. I ele chorou chrou e uma idosa ouviu **ele** a chorar. Ela **lhe** perguntou. (A0497)
- Menino quersajuda para ligar ao teu pai?
- c. encontrou o menino a chorar no meio do chão a senhora **lhe** passou ali uma pomada o menino perguntou á senhora: Como se chama? Eu **me** chamo Claodia, e tu?... (A0548)

Quanto ao resto das produções de domínio verbal simples, encontram-se 36 produções em contextos de próclise. Como se nota na Tabela 8 abaixo, em 32 produções encontrámos produções com verbos finitos, nas quais encontrámos 4 casos de colocação desviante. Há 4 produções com verbos não-finitos, verificando-se que a colocação escolhida dos clíticos foi sempre a alvo.

Dos casos de colocação desviante, tivemos um caso de redobro (16a) e um caso de redobro com produção de pronome acusativo e forte (16b).

Colocação de Clíticos - PRÓCLISE	V-CI	CI-V	REDOBRO	TOTAL
Vfin	2	28	2	32
Vinf	0	4		4

Tabela 8. Colocação de clíticos nas produções com domínios verbais simples, em contextos de próclise.

- (16) a. Era uma vez um menino que **se** chama-**se** João. (A0460)
- b. Quando chegou uma senhora que o viu **ele** a sanguerar do joelho.
(A0573)

Quanto aos contextos de próclise, aparece apenas um contexto de negação, mas aparecem 5 casos de palavras interrogativas, 23 subordinadas, 3 contextos com preposição e 4 casos com palavras que induzem próclise (nunca, só, até).

4.2.4.2. Domínio verbal complexo

No segundo instrumento já encontramos mais enunciados (48) com clíticos em domínios verbais complexos.

No que diz respeito às colocações dos clíticos que as crianças preferiram nestes contextos, no segundo instrumento foram encontrados contextos de ênclise e de próclise. Primeiro analisaremos os contextos de ênclise. Encontram-se 36 enunciados de ênclise e encontramos estruturas com verbos auxiliares (17a), umas estruturas com verbos finitos com preposição (17b) e algumas estruturas com particípio passado (17c). As colocações preferenciais das crianças foram enclíticas ao verbo infinitivo (V1 V2-Cl, onde V1 um verbo auxiliar ou um verbo finito, como se vê em (18a, b)). Entretanto, também se encontram estruturas como V1 P V2-Cl, como em (18c), onde P uma preposição. Outra estrutura que também se encontra é de V1-Cl V2, ou seja, ênclise ao V1, como em (19).

- (17) a.....estava a Carolina opé e vio o Rui aleijado e foi ajudalo. (A0397)
b.apareceu uma senhora e ajudou o menino a alevantar-se... (A0415)
c.....e ele tinha-se aleijado... (A0460)
- (18) a. Depois uma senhora desconhecida foi ajuda-lo. (A0500)
b.....quando ando de bicicleta caio no boraco e magousse, tentou-se levantar, tentou reanimar-se, tentou alclamar-se. (A0574)
c. ...a tia foi lá e ajudou-lhe a corar-se e ficou melhor e a tia disse-lhe... (A0462)
- (19) Foi-se vestir a sua roupa preferida. Pegou sua bicicleta e foi pro bairro. (A0475)

Nos contextos de ênclise, encontram-se 5 desvios das 36 produções na posição dos clíticos escolhida pelas crianças. Houve um caso de subida de clítico numa estrutura com verbo auxiliar, apesar da ausência de qualquer estrutura que atraísse o pronome clítico (20a) e houve 4 casos de subida de clítico no mesmo contexto com o verbo “ajudar a” (20b, 20c, 20d, 20e). No restante das produções as crianças optaram pela posição alvo.

- (20) a.....estava a daita muito sangue e a mãe o foi ajodar a se corar e ele já estava corado. (A0485)
- b. Ajudou-o a **se** levantar e levou-o até casa. (A0501)
- c.mas um simpatica senhora foila e ajudou ele a **se** levantar. (A0522)
- d. A minha avó viu o mano no chão e foi lhe ajudar a **se** alevantar. (A0550)
- e.estava a daita muito sangue e a mãe o foi ajodar a **se** corar e ele já estava corado...(A0485)

Quanto aos contextos de próclise, encontrámos no segundo instrumento 12 estruturas em próclise em domínio verbal complexo. Encontram-se 2 casos de colocação desviante, uma com particípio passado, em que a criança colocou o pronome junto ao particípio passado (21a), uma forma que não se encontra em PE, e uma colocação de ênclise, apesar da presença de elemento que induz próclise - subordinação (21b).

- (21) a. A edosa ajudou-lhe a João disse obrigado minha selhora porter ajudado-**me**. (A0499)
- b. Vai ser a última bicicleta que eu vou **te** dar. (A0545)

Nos contextos de próclise encontram-se estruturas como CI V1 V2, como se pode ver em (22). Também houve 3 casos de P CI V1 V2, onde P uma preposição, como se vê em (23a, b). É de salientar os casos de CI V Vpp, onde Vpp particípio passado, nos quais se observa o particípio passado em posição alvo, como se mostra em (24).

- (22) E estava a chorar tão alto que toda a gente o conseguiu ouvir. (A0559)
- (23) a. - A avó podes ligar á mãe para **me** vir boscar. (A0513)
- b. - Senhora pode ligar para a minha mãe no número 7819531 para-**me** vir boscar. (A0512)
- (24) a.....eu chamóme Afonso e obrigado por **me** ter ajudado... (A0398)
- b.....a senhora levou o menino para casa e antes já o tinha ajudado e ficou tudo bem fim. (A0483)

4.2.5. Ortografia

No segundo instrumento, referindo muito brevemente alguns dados sobre ortografia de clíticos, encontraram-se 50 enunciados com erros ortográficos na produção de clítico. Notámos uma grande taxa de omissão de hifenização (46 dos 50 erros). Também há alguns casos em que os erros ortográficos devem ter origem na transposição direta da oralidade (“levou-u”, “acrescentace”, “descuidoce”), dois casos de substituição do pronome reflexo da 3ª pessoa “se” pela terminação de conjuntivo “-sse” (“magousse”, “aleijosse”) e outros como “posle”, “ajodale”, “Eu chame-mo Joana”. A falta de hifenização permanece, portanto, o principal erro de ortografia no que diz respeito aos pronomes clíticos.

4.2.6. Ausência de clíticos nas produções escritas

No segundo instrumento os enunciados sem produção de clíticos já são em menor número em comparação com os enunciados que se encontram no primeiro instrumento. Brevemente veremos quais foram as estratégias usadas pelas crianças quando não há produção de clíticos.

Nota-se que a estratégia preferencial das crianças foi o uso de SN (41%), como se vê em (25), mas a diferença entre esta e outras estratégias não é grande. Houve também crianças que omitiram o clítico (23%), como se vê em (26) e por fim 16% das crianças usou pronome forte em vez de acusativo (27a, 27b).

(25) O João amdava na biciquenta e a senhora alice estava setada no baco e o João estava am dar de biciquénta e depois caiu e a sinhora alice ajudou o João e depois de ajudar o João de-se obrigado o joão. (A0533)

(26) ...era uma vez um menino chamado João, estava a aprender a andar de bicicleta, ele estava a comceguir e um buraco pequeno estava à frente e o joão caiu no chão e a ferida estava a deitar sangue e o vizinho veio e rápida-mente o vizinho pos um penso fim. (A0554)

(27) a. Ele caiu e vaio uma descoisida ajudou **ele**. (A0536)

b. Uma sinhora muito simpatica viu **ele** e pôs-lhe um penso. (A0459)

4.2.7. Comparação dos dois Instrumentos e desenvolvimento linguístico das crianças

Para se testar o desenvolvimento linguístico das crianças, quanto à produção de clíticos, comparamos aqui as produções nos dois instrumentos. Primeiro, veremos o número absoluto e em percentagens de crianças que produziram clíticos em cada instrumento, em ambos e somente num dos dois instrumentos. Notou-se que 4 crianças (3%) produziram clíticos no primeiro instrumento mas não no segundo, algo que não esperámos mas que pode ter sido uma ocorrência que não tenha a ver com o desenvolvimento linguístico das crianças. Como vemos na Tabela 9, temos 31 crianças (24%) que produziram clíticos em ambos os instrumentos e 69 (53%) crianças que usaram clíticos no segundo momento, mas não no primeiro. 26 (20%) foram as crianças que não usaram clíticos em nenhum momento.

Total de participantes	136
Nº de crianças que produziram clíticos apenas no Instr. 1	4
Nº de crianças que produziram clíticos apenas no Instr. 2	69
Nº de crianças que produziram clíticos em ambos os Instr.	31
Nº de crianças que nunca produziram clíticos	26

Tabela 9. Número de crianças que produziram clíticos em cada instrumento.

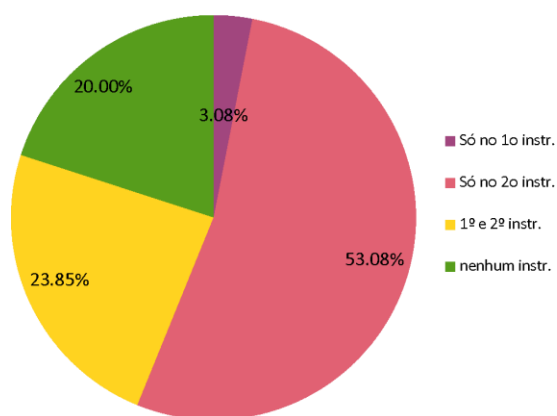


Gráfico 5. Percentagens de crianças que produziram clíticos em cada instrumento e o seu desenvolvimento.

INSTRUMENTO	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA
1	0	4	0,433
2	0	6	1,397

Tabela 10. Mínimo, máximo e média de produções de clíticos por instrumento.

Como já foi referido acima, foram registadas 59 produções no primeiro instrumento e 190 produções no segundo. A média de enunciados no primeiro instrumento é 0,433, enquanto no segundo instrumento já sobe para 1,397. Notamos um aumento de 69 crianças quanto ao número absoluto de crianças que produzem clíticos no segundo instrumento e um aumento de 131 produções do primeiro para o segundo instrumento.

Para se comparar o número médio de clíticos produzidos nos dois momentos de testagem, procedeu-se à realização de um teste estatístico paramétrico, o teste t com amostras emparelhadas, já que se observou uma distribuição normal. Os valores obtidos ($t=8,67$, $df=135$, $p\text{-value}<0.0001$) confirmam as diferenças estaticamente significativas entre as médias de clíticos produzidos no 2º ano e no 3º ano.

Quanto ao tipo de clítico escolhido pelas crianças, observámos que, no segundo instrumento, como esperado pelo aumento do número das produções, há um aumento de produção em cada tipo de clítico, com uma taxa maior de produções de clíticos reflexos. Em números absolutos nota-se um aumento de 81 produções de clíticos reflexos do primeiro para o segundo instrumento. A produção de clíticos acusativos também apresenta um aumento de 47 clíticos, enquanto nos dativos não se observa algum aumento significativo.

Quanto aos desvios na escolha de tipo de clítico, observamos que no primeiro instrumento se observou um desvio, o caso da produção de um pronome forte no lugar de um clítico dativo. No segundo instrumento observou-se 13 produções desviantes quanto à escolha do tipo de clítico, 6 de clítico dativo e 7 pronomes fortes no lugar de acusativo.

Havendo mais produções no segundo instrumento, também se nota mais desvios. Apesar disto, não podemos considerar que o desempenho das crianças seja pior, visto que houve um aumento no número das produções totais no segundo instrumento. Contudo, e apesar de se apresentar uma taxa baixa, houve desvios nas colocações de clíticos em todas as estruturas no segundo instrumento.

Em seguida, comparamos as produções de cada contexto específico nos dois instrumentos. Começamos pelas estruturas de domínio verbal simples em contexto de ênclise. Observa-se um aumento das produções de contexto de ênclise. A colocação-alvo, entretanto, aumenta em números absolutos. Também se observa mais colocações desviantes no segundo instrumento.

Quanto à produção de clíticos na colocação alvo nas estruturas de domínio verbal simples em contexto de próclise também se nota um aumento significativo no instrumento 2. No primeiro instrumento a colocação alvo era de 85.71% e no segundo instrumento de 88.89%. Entretanto, quanto aos desvios, nota-se um desenvolvimento na colocação do clítico em contextos de próclise.

Quanto à colocação de clíticos em estruturas de domínio verbal complexo, começamos pelos contextos de ênclise. Observamos um aumento das produções de ênclise em estruturas de domínio verbal complexo. Temos um aumento na colocação alvo mas também se observa alguns desvios, algo que não se encontra no instrumento 1.

Por fim, observamos um aumento das produções nas estruturas de domínio verbal complexo nos contextos de próclise, tanto na colocação alvo como em colocações desviantes, visto que esta estrutura não apareceu no primeiro instrumento.

No que diz respeito aos textos sem produções de clíticos, no Gráfico 20 observamos que há uma diminuição desta omissão no segundo instrumento. Quanto às estratégias preferidas, o número da omissão fica o mesmo nos dois instrumentos, mas observamos uma diminuição de SN e um aumento de produções de pronomes fortes.

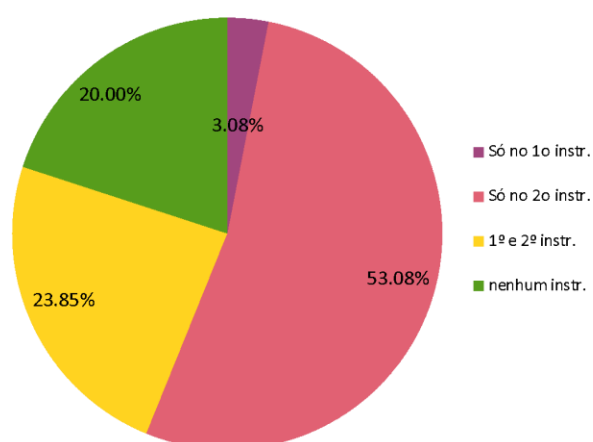


Gráfico 6. Produções sem clíticos nos dois instrumentos.

5. Discussão

Os resultados do presente trabalho revelam um maior número de produção de clíticos no segundo momento da aplicação do instrumento (190 em vez de 59 do primeiro instrumento) e conseqüentemente uma produção de mais contextos verbais, mais estruturas de colocação e produção de mais pessoas gramaticais. Houve, portanto, um desenvolvimento na produção dos clíticos das crianças entre os dois momentos da aplicação dos instrumentos. Visto que o tempo entre os dois momentos foi aproximadamente de um ano, podemos considerar que a idade e a escolarização tiveram importância no desenvolvimento linguístico das crianças, como Silva (2008) observou também que houve um aumento de produção consoante à idade das crianças e, conseqüentemente, uma diminuição de objeto nulo.

Quanto ao tipo de clítico, de acordo com Costa & Lobo (2006), a hipótese de complexidade prediz que os níveis de produção de clíticos reflexos sejam significativamente maiores, uma vez que se trata de um contexto em que, não havendo competição entre clítico e objeto nulo, a complexidade se encontra reduzida. Silva (2008) também confirma que em PE as taxas de omissão não são iguais para os vários tipos de clíticos: as crianças portuguesas apresentam taxas maiores de produção de clíticos reflexos e não-argumentais do que de não-reflexos (acusativos e dativos). O que se observou no presente estudo foi uma taxa menor de produção de clíticos reflexos no primeiro instrumento e, por oposição, nota-se um número maior de produções de clíticos dativos com uma taxa de produções bastante elevada (61%), uma diferença significativa comparando com os clíticos reflexos (22%). No entanto, no segundo instrumento, o clítico reflexo obteve uma percentagem maior de produções (49%).

Quanto à pessoa gramatical, houve uma preferência significativa para a 3ª pessoa em ambos os instrumentos e em todos os contextos, com um aumento de variação de pessoas gramaticais no segundo instrumento. Os nossos dados mostram alguma conformidade com os resultados de Silva (2008), que observou uma maior produção de formas clíticas na 3ª pessoa, no que se refere aos clíticos reflexos e não-argumentais, do que na 1ª e 2ª pessoas. Em relação aos clíticos não-reflexos, Silva verifica uma maior percentagem de produção de formas de 1ª e 2ª pessoas do que de 3ª pessoa. Em Carmona & Silva (2006) notou-se uma preferência pela produção de clíticos de 1ª e 2ª pessoas do singular em detrimento das restantes em todas as condições. Ao contrário, aqui não se verificam estes dados, mesmo havendo algumas produções de 1ª pessoa (em acusativo e dativo). Entretanto, isto foi algo

esperado, uma vez que a taxa de produções de clíticos no segundo instrumento foi significativamente maior, então assumimos que poderiam ocorrer mais pessoas gramaticais nas produções. Quanto à preferência pela 3ª pessoa gramatical, não consideramos algo relevante, visto que os textos eram narrativos.

Consideremos, agora, a posição em que o clítico surge. De acordo com Duarte, Matos & Faria (1995), as crianças portuguesas em estados iniciais de aquisição tendem a generalizar a ênclise como padrão de colocação de clíticos, independentemente da presença de elementos que induzem próclise. Varlokosta et al. (2016) observam algumas taxas de erros na colocação de clíticos em todas as línguas, com taxas altas quanto ao PE. Costa, Fiéis e Lobo (2015) também confirmam que a colocação dos clíticos em PE não é de aquisição precoce, mas que ocorre mais tarde. No presente estudo essa generalização não ocorreu. Em ambos os instrumentos onde se observou mais casos de colocação desviante foi em padrões de ênclise que as crianças colocaram o clítico em posição de próclise (3 casos no primeiro instrumento e 14 no segundo).

Quanto à aquisição da subida de clítico no PE, Lobo e Vitorino (2018) referem que é de aquisição precoce, havendo, porém, contextos mais fáceis para as crianças portuguesas e outros mais difíceis na sua aquisição. No presente trabalho, embora não tenham ocorrido muitas estruturas com subida de clítico, as crianças mostraram uma sensibilidade aos contextos produzidos, visto que houve apenas 2 casos de colocação desviante, um dos quais foi uma estrutura não permitida em PE como a ênclise no participio passado.

No que diz respeito aos casos da ausência de produção de clíticos, Carmona & Silva (2006) observaram que as crianças no seu estudo optaram preferencialmente pela forma nula (57%), seguida para o pronome forte (11%) e depois para o SN (13%). Por último, a opção vai para o uso do clítico (10%). Nas produções escritas do presente trabalho, notámos uma preferência significativa para o SN em ambos os momentos, seguida pela forma nula e depois para o pronome forte.

Visto que como Pires (2012) refere, a criança tende a passar para a escrita a estrutura da sua própria oralidade, podemos considerar que estes dados obtidos no presente estudo quanto à produção escrita se possam relacionar com os dados sobre a produção oral. Sendo tanto ao nível da sintaxe como ao nível do léxico, e segundo os resultados deste trabalho, podemos encontrar aqui semelhanças quanto ao desenvolvimento no uso de clíticos na

produção oral e escrita. Os nossos dados confirmaram a maioria das referências bibliográficas, quanto à oralidade. Quanto à colocação de clíticos, aqui não se observou a preferência ou uma sobregeneralização de posições de ênclise em contextos de próclise, mas precisaremos de mais estudos relativamente ao assunto.

Resumindo, podemos dizer que a) observámos uma evolução na produção de clíticos, no sentido em que há uma fase inicial de pouca produção de clíticos nos textos e taxas grandes de produção de SN e de omissão, seguida de uma gradual produção de clíticos e uma diminuição da produção de SN no segundo momento. b) Parecem existir assimetrias na produção dos três tipos de clíticos. Notou-se elevadas percentagens de produção do clítico reflexo nos textos das crianças, principalmente no segundo instrumento, tal como se notou na produção oral, e estas percentagens elevadas confirmam os resultados de Costa e Lobo (2006), Silva (2008), Costa, Fiéis & Lobo (2015), que em PE há uma maior produção de clíticos reflexos e não argumentais, comparativamente com os clíticos acusativos e dativos. c) Não ocorreu generalização da ênclise, havendo alguns desvios na posição dos clíticos, mas em taxas não muito elevadas.

Visto que não temos muitos dados quanto à produção de clíticos no PE a partir de produções escritas, não podemos comparar estes dados com os de outros trabalhos, mas apenas com dados de produção oral. Como Pires (2012) refere, a criança tende a passar para a escrita a estrutura da sua própria oralidade. Neste trabalho encontrámos semelhanças quanto ao desenvolvimento no uso de clíticos na produção oral e escrita e foi possível observar um aumento significativo na produção de clíticos e assim, confirmar a aquisição tardia dos clíticos em produções escritas, tal como se observa na oralidade também.

Tentaremos, deste modo, responder às perguntas iniciais deste trabalho:

(1) Quanto à aquisição e estabilização dos clíticos nas produções escritas de crianças portuguesas durante o segundo ano do Ensino Básico, houve um desenvolvimento uma vez que se observou um aumento tanto no número dos enunciados com clíticos como no número dos alunos que os produziram.

(2) Nesta idade o uso dos clíticos pelas crianças aproxima a forma-alvo a nível morfofonológico, embora se tenha observado alguns erros ortográficos, que considerámos erros de transposição direta da oralidade para a escrita. Ou seja, considerámos que as

crianças nesta idade ainda transportam em forma escrita as suas produções orais e ainda não há estabilização das formas escritas dos clíticos (taxa elevada de omissão de hifenização).

(3) Quanto à colocação dos clíticos, nesta idade aproxima a forma-alvo, ainda não está totalmente estabelecida, mas há percentagens elevadas de colocação-alvo, embora ainda haja desvios. Entretanto, há um desenvolvimento neste aspeto durante o 2º ano, embora aqui não se tenha observado uma preferência ou uma sobregeneralização de posições de ênclise em contextos de próclise. Precisaremos, pois, de mais estudos relativamente ao assunto.

(4) No entanto, ainda nesta idade se verifica omissão de clíticos e as crianças mesmo no 2º e no 3º ano do Ensino Básico encontram estratégias de omissão dos clíticos, com uma preferência pelo SN.

6. Conclusões

O presente trabalho teve como objetivo investigar o desenvolvimento linguístico de crianças portuguesas do segundo ano, quanto ao uso de pronomes clíticos. Investigámos o desenvolvimento que ocorre durante um ano letivo, entre o início do segundo e do terceiro ano, visto que os primeiros anos da escolaridade são fundamentais na emergência da escrita compositiva. Através de uma tarefa usada no instrumento PIPALE, investigámos se há um uso de clíticos nesta idade, em que medida é que isto acontece e se há uma progressão durante o segundo ano do Ensino Básico. Investigámos se o uso de clítico e a colocação escolhida coincidem com as da língua alvo. Devido à escassez de estudos sobre o desenvolvimento no uso de clíticos na produção escrita, pretendemos observar no presente trabalho se os resultados obtidos mostram semelhanças com os estudos sobre a oralidade.

As questões de investigação e as nossas hipóteses surgiram baseando-se em dados de estudos sobre produções orais e foram confirmadas pelos resultados. A aquisição dos clíticos no PE é um tema que já preocupou vários autores e, como Varlokosta et al. (2016), Costa & Lobo (2006, 2007) e Carmona & Silva (2006) afirmam, as crianças portuguesas omitem clíticos em taxas muito altas e até mais tarde relativamente a outras línguas já estudadas, nas quais se encontra esta omissão dos pronomes. Costa & Grolla (2017) mencionam que como o PE permite objetos nulos, esta omissão pode corresponder a uma produção de objeto nulo semelhante à que se encontra na gramática do adulto.

Varlokosta et al. (2016) observam também que as crianças usam objetos nulos, SN e pronomes e afirmam que o PE é, neste aspeto, uma língua muito diferente das outras línguas com clíticos. Estas estratégias de não produção de clíticos foram observadas pelos resultados deste trabalho também, visto que houve crianças que não produziram nenhum clítico nas suas produções, com mais casos destes no primeiro instrumento. No segundo instrumento já houve tanto um aumento do número das crianças que produziram clíticos, como também da média da produção. No segundo instrumento notou-se também mais estruturas com domínios verbais complexos, facto que mostra um desenvolvimento linguístico das crianças nesta idade.

Quanto à colocação dos clíticos, autores como Duarte & Matos (2000) e Silva (2008) referem uma sobregeneralização da ênclise em todos os contextos, um fenómeno que no presente trabalho não se observou. Pelo contrário, nas poucas posições desviantes, encontrámos alguns casos de próclise em contextos de próclise e algumas produções de pronome forte em vez de produção de um pronome acusativo.

Apesar da presença de algumas diferenças entre língua oral e escrita e devido à escassez de estudos sobre a aquisição dos clíticos no PE na produção escrita, este trabalho procurou contribuir com dados relevantes no que diz respeito à escrita, um contexto ainda pouco explorado. Embora possamos dizer, a partir dos resultados deste trabalho, que há um desenvolvimento na aquisição dos clíticos no PE na escrita, será necessário haver mais estudos sobre os clíticos no âmbito da produção escrita e esperamos que este trabalho seja um ponto de partida para mais estudos no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barrera, S. D., & Santos, M. J. D. (2016). Produção escrita de narrativas: influência de condições de solicitação. *Educar em Revista*, (62), 69-85.

Costa, A. L. (2016). No limiar da escrita compositiva: um estudo exploratório. Cristina Flores & Isabel Pereira (orgs.). *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*. (2), pp. 173-203.

Costa, A. L., Cerqueira, S., & Carreto, V. (2017). E essa é a minha opinião: para o estudo da emergência da escrita argumentativa. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 51-73.

Costa, A. L., Costa, A., & Gonçalves, A. (2017). Consciência linguística: aspetos sintáticos. *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*, 409-438.

Costa, A. & Gonçalves, A. (2010). Progressão e complexidade na escrita do 3º ao 6º ano de escolaridade. In *Costa et al. Muitas ideias, um mar de palavras: propostas para o ensino da escrita*. Fundação Calouste Gulbenkian, pp.283-318.

Costa, J., & Lobo, M. (2014). Crosslinguistic variation in the acquisition of null categories: Portuguese vs. Japanese. *Developments in the Acquisition of Clitics*, 276-291.

Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. (2015). Input variability and late acquisition: clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua*, 161, 10-26.

Fiéis, A., Lobo, M., & Costa, J. (2016). A aquisição dos pronomes clíticos no português L1. *Manual de Linguística Portuguesa*, 431-452.

Costa, J., & Grolla, E. (2017). Pronomes, clíticos e objetos nulos: dados de produção e compreensão. *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*, 177-199.

Costa, J., & Lobo, M. (2006). A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo. *XXI Encontro Nacional da APL. Textos Seleccionados*, 285-293.

Costa, J., & Lobo, M. (2007). Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, 303-313.

Costa, J., & Lobo, M. (2008). Omissão de clíticos na aquisição do português europeu: dados da compreensão, *XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Textos Seleccionados*, 143-156

Duarte, I., & Matos, G. (2000). Romance clitics and the minimalist program. *Portuguese syntax. New comparative studies*, 116-141.

Duarte, I., Matos, G., & Faria, I. H. (1995). Specificity of European Portuguese clitics in Romance. *Studies in the acquisition of Portuguese. Lisboa: APL/Colibri*, 129-154.

Gonçalves, F., Guerreiro, P., & Freitas, M. J. (2011). *O conhecimento da língua: percursos de desenvolvimento*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Silva, M. E. L., & Spinillo, A. G. (2000). A influência de diferentes situações de produção na escrita de histórias. *Psicologia: reflexão e crítica*, 13(3), 337-350.

Magro, C. (2004). O fenómeno de Subida de Clítico à luz de dados não-standard do PE. *Manuscrito* disponível em:http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/pdfs_publicacoes/magro_2004.pdf.

Magro, C. (2005). Introdutores de orações infinitivas: o que diz a sintaxe dos clíticos. *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL., 649- 664.

Pessoa, A. P. P., Correa, J., & Spinillo, A. (2010). Contexto de produção e o estabelecimento da coerência na escrita de histórias por crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 253-260.

Pires, N. A. (2012). Inferindo o conhecimento linguístico de crianças do 1º CEB a partir das suas produções textuais. *Exedra: Revista Científica*, (6), 309-320.

Silva, C. (2007). A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto. *Textos seleccionados. XXII Encontro Nacional da APL*, 199-210.

Silva, C. (2008). Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em Português Europeu, *Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa*

Silva, C. (2011). Interpretação de clíticos e de pronomes fortes complemento na aquisição do português europeu. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 534-548.

Spinillo, A. G. (1991). O efeito da representação pictográfica na produção de narrativas. *Psicol. teor. pesqui*, 311-26.

Varlokosta, S., Belletti, A., Costa, J., Friedmann, N., Gavarró, A., Grohmann, K. K., ... & Yatsushiro, K. (2016). A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production. *Language acquisition*, 23(1), 1-26.

Vieira, S. C. (2010). Produção de clíticos por crianças em idade pré-escolar em contexto de imitação provocada. *Textos selecionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 733-747.

Vitorino, I., & Lobo, M. (2018). Aquisição de estruturas com subida de clítico em português europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (4), 276-294.

Wexler, K., Gavarró, A., & Torrens, V. (2004). Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science Series 4*, 256, 253-268.